



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Filosofia

Tárik Borges Godinho

A Impermanência em Nietzsche

Florianópolis
2017

Tárik Borges Godinho

A Impermanência em Nietzsche

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal de Santa Catarina –
UFSC, como requisito para qualificação à
pesquisa de Bacharel de Filosofia.

Orientador Professor e Doutor Nazareno Eduardo de Almeida

Florianópolis
2017

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca da UFSC.**

Borges Godinho, Táriq

A Impermanência em Nietzsche / Táriq Borges Godinho; orientador Nazareno Eduardo de Almeida - Florianópolis, SC, 2017.

109 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Filosofia.

Inclui referências:

1. Identidade. 2. Igualdade. 3. Diacronia. 4. Lógica. 5. Impermanência.

I. Eduardo de Almeida, Nazareno. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Filosofia. III. Título.

Dedico este TCC, pelas eloqüentes e maravilhosas prolixidades inspiradoras de suas aulas, ao filósofo Nazareno.

Agradecimentos

Agradeço a todos os meus heróis filosóficos, literários e estéticos mortos - pois eles são a minha referência mais tocante -. Agradeço também todos aqueles professores da UFSC que me permitiram à palavra e ao debate em suas aulas. No entanto, agradeço principalmente e especialmente ao querido professor Selvino José Assmann e seu fantástico humor em sala de aula e ao querido professor Nazareno Eduardo de Almeida que com suas narrativas histórico-filosóficas sublimes e suas homologações de grande memória tanto me inspirou.

ΟΥΔΕΘΝΗΤΗΣΟΥΣΙΑΣΔΙΣΑΨΑΣΘΑΙΚΑΤΑΞΕΙΝΑ
ΛΛΟΞΥΤΗΤΙΚΑΙΤΑΞΕΙΜΕΤΑΒΟΛΗΣΣΚΙΔΝΗΣΙΚ
ΑΙΠΑΛΙΝΣΥΝΑΓΕΙΜΑΛΛΟΝΔΕΟΥΔΕΙΠΑΛΙΝΟΥΔΥ
ΣΤΕΡΟΝΑΛΛΑΜΑΣΥΝΙΣΤΑΤΑΙΚΑΙΑΠΟΛΕΙΠΕΙΚ
ΑΙΠΡΟΣΕΙΣΙΚΑΙΑΠΕΙΣΙΝ.

*οὐδὲ θνητῆς οὐσίας δις ἄψασθαι κατὰ ἕξιν· ἀλλ'
ὀξύτητι καὶ τάχει μεταβολῆς σκίδνησι καὶ πάλιν
συνάγει (μᾶλλον δὲ οὐδὲ πάλιν οὐδ' ὕστερον, ἀλλ'
ἅμα συνίσταται καὶ ἀπολείπει) καὶ πρόσεισι καὶ
ἄπεισιν.*

Um não pode entrar duas vezes no mesmo rio, nem apreender qualquer substância mortal em condição estável, mas dispersa e de novo reúne; forma e dissolve, e aproxima e afasta.

(Heráclito)

LI (D. 91, M. 40c³) Plutarco, *De E apud Delphos* 392B Trad. Charles Khan em KHAN, C.; “A Arte e o Pensamento de Heráclito”; São Paulo; Ed. Paulus; 2009; p.79.

RESUMO

Este TCC tem como objectivo geral, considerando as obras de Friedrich Wilhelm Nietzsche (desde as publicadas em vida como os cadernos de anotações e obras publicadas postumamente), se há tal coisa como ‘permanência’ neste mundo; em outras palavras, se todos os fenómenos e o mundo são impermanentes ou não. As afirmações e hipóteses nietzschianas tomam como de central importância a estrutura lógica e conceitual da linguagem e a importância exclusiva a esta dos princípios de Identidade e Identidade dos Indiscerníveis e se estes princípios e a estrutura predicativa da linguagem possuem qualquer correspondência com a realidade.

Palavras-chave: Impermanência. Lógica. Linguagem. Pensamento. Princípio. Identidade. Diacrônica. Igualdade. Indiscerníveis. Conceito. Categoria. Mundo.

ABSTRACT

This Term Paper has as its general aim, considering the works of Friedrich Wilhelm Nietzsche (from those published in life, as well as the notebooks and other works published posthumously), if there is such a thing as 'permanence' in this world; In other words, whether all phenomena and the world are impermanent or not. The Nietzschean assertions and hypotheses take as central the logical and conceptual structure of language and the exclusive importance to it of the principles of Identity and Identity of Indiscernibles and whether these principles and the predicative structure of language have any correspondence with reality.

Keywords: Impermanence. Logic. Language. Thought. Principle. Identity. Diachronic. Equality. Indiscernibles. Concept. Category. World.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 19 |
| 2. NIETZSCHE E A LÓGICA..... | 22 |
| 2.1. NIETZSCHE SOBRE O CONHECIMENTO, CONCEITOS E A LÓGICA EM “SOBRE A VERDADE E A MENTIRA NO SENTIDO EXTRA-MORAL”..... | 24 |
| 3. NIETZSCHE E OS AFORISMOS E PASSAGENS ACERCA DA LÓGICA, DA INDIVIDUAÇÃO, DOS “CASOS IDÊNTICOS”, DO PRINCÍPIO DA IDENTIDADE, CAUSALIDADE, SUBSTÂNCIA, DA IDÉIA DE DEVIR E FLUXO..... | 31 |
| 3.1. CONSIDERAÇÕES EXTEMPORÂNEAS OU CONSIDERAÇÕES INTEMPESTIVAS..... | 32 |
| SCHOPENHAUER COMO EDUCADOR..... | 33 |
| 3.2. HUMANO, DEMASIADO HUMANO..... | 35 |
| 3.3. A GAIA CIÊNCIA..... | 39 |
| 3.4. ALÉM DO BEM E DO MAL..... | 48 |
| 3.5. CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS..... | 50 |
| 3.6. A VONTADE DE PODER..... | 52 |
| CONCLUSÃO GERAL DA ANÁLISE DOS AFORISMOS..... | 76 |
| 4. ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS DA IDENTIDADE, DOS TIPOS DE IDENTIDADE, DA IDENTIDADE DOS INDISCERNÍVEIS E DA INDISCERNIBILIDADE DOS IDÊNTICOS NO CONTEXTO NIETZSCHEANO E CONTEMPORÂNEO..... | 78 |
| 4.1. OS VÁRIOS SENTIDOS DE IDENTIDADE..... | 78 |
| 4.2. NIETZSCHE E A IDENTIDADE DOS INDISCERNÍVEIS..... | 85 |
| 4.3. NIETZSCHE E A INDISCERNIBILIDADE DOS IDÊNTICOS..... | 89 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 92 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 96 |

LISTA DE ABREVIATURAS

Como Nietzsche escreveu de formas, em geral, não sistemáticas e várias vezes aforismáticas, por razões muitas vezes fisiológicas (como graves enxaquecas, perda temporária de visão), eu tive que recorrer a várias obras diferentes que não possuem necessariamente assuntos centrais em comum. Certas vezes ele está discutindo acerca de valores ou a moralidade cristã e utiliza-se de um argumento céptico perante alguma concepção ou princípio lógico clássico como modo de refutação; ou está discorrendo sobre química, ou física e, novamente, faz uma invectiva à lógica ou ao positivismo lógico. As obras consideradas serão as seguintes: *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, *Considerações Extemporâneas*, estas duas serão citadas por artigo e número de página, *Humano, Demasiado Humano* e *O Andarilho e sua Sombra*, *A Gaia Ciência*, *Além do Bem e do Mal*, *Ecce Homo*, *Crepúsculo dos Ídolos*, *O Anticristo*, *A Vontade de Poder*, *Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra-Moral* esta última citada por página e número. As abreviações serão respectivamente: ‘FIT’, ‘CE’, ‘HH’ e ‘AS’, ‘GC’, ‘ABM’, ‘EH’, ‘CI’, ‘AC’, ‘VP’, ‘SVM’.

1. INTRODUÇÃO

O que seria da concepção de substância, o que seria da concepção de identidade, ou da idéia que se faz da identidade como um facto necessário de todo evento ou fenômeno - e não como mero princípio analítico de conceitos e proposições - se todos os fenômenos são transitórios e desiguais a todos os instantes? Este parece ser o cerne da questão de muitos raciocínios nietzschianos e invectivas do filósofo à lógica passada a ele e a que estudou.

A filosofia de Friedrich Wilhelm Nietzsche é muitas vezes de uma linguagem poderosa quanto ao que concerne psicologia filosófica, as políticas (contemporâneas, passadas e possivelmente futuras a ele), as éticas, as artes, as ciências, as moralidades, as religiões, etc. Deixamo-nos enredar, freqüentemente, pela força de sua linguagem e fortes invectivas e acabamos não analisando o objectivo final de suas críticas e conceitos.

Antes de tudo, ao contrário do que vários comentadores do século passado concluíram, como Ofelia Schutte, Michel Haar e Alan Schrift, Nietzsche possui uma consideração da lógica - da lógica conhecida por ele - como necessária à vida, ou no mínimo necessária e essencial ao pensamento. A primeira destes autores citados afirma que Nietzsche via a lógica mais como inimiga do que amiga (p.28), que ele contemplava silenciar a lógica (p.29), que ele tendia a querer apagar a necessidade da lógica (p.31), e que ele considerava a vida e a lógica como adversárias (p. 36)¹. Estes outros autores parecem ter opiniões semelhantes de análise da obra de Nietzsche no que a ele concerne lógica; penso, tal como Steven D. Hales, que autores que vêem Nietzsche como um irracionalista estão profundamente enganados acerca de seus objectivos em sua invectiva à lógica. Estes autores parecem, perigosamente,

¹ Os números citados da página são todos de SCHUTTE, Ofelia. *Beyond Nihilism: Nietzsche Without Masks (Chicago: University of Chicago Press, 1984)*, em *Nietzsche on Logic*, Steven D. Hales *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 56, No. 4. (Dec., 1996), pp. 819-835.

ignorar muitas passagens do corpus nietzschiano, tais passagens como no aforismo 265 em *Humano, Demasiado Humano*²:

Reason in school. - The school has no more important task than to teach rigorous thinking, cautious judgment and consistent reasoning; therefore it has to avoid all those things that are of no use for these operations...

Nesta passagem há clara evidência do apoio de Nietzsche ao pensamento crítico, consistente, lógico que sem o qual a Europa assemelhar-se-ia à Ásia, que sempre careceu em suas tradições de raciocínio crítico e lógico, consistente e justificado, não distinguindo, inclusive, fantasia de observações empíricas. Tal processo, segundo ele, foi o fator determinante a tirar a Europa da Idade Média e voltá-la a tradição científica e filosófica da Grécia Antiga. Assim como no aforismo 271 do mesmo livro³:

The art of drawing conclusions. - The greatest advance mankind has made lies in its having learned to draw correct conclusions.

Para Nietzsche, portanto, tirar conclusões válidas, ou seja, fazer deduções correctas não é somente necessário em um argumento e na sustentação de teorias, mas é o maior avanço da modernidade e pós-modernidade que foi alcançado nas escolas e universidades. Há outras passagens no *Crepúsculo dos Ídolos* e *A Gaia Ciência* na qual ele reconhece que nas universidades alemãs de seu

2 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *HUMAN, ALL TOO HUMAN*, aforismo 265. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS 1996. Translated R. J. Hollingdale, pg. 125.

3 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *HUMAN, ALL TOO HUMAN*, aforismo 265. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS 1996. Translated R. J. Hollingdale, pg. 127.

tempo a teoria, a prática, a vocação para lógica estavam morrendo e que isto é deletério para o pensamento em geral; ele reconhece a diferença de bons e maus argumentos e critica negativamente os segundos. Nietzsche elogia proficuamente os Judeus na *Gaia Ciência* por argumentarem logicamente e terem dado à Europa hábitos mais limpos de pensamento. Estas passagens não parecem ser de um autor que visa destruir a lógica ou ser inimigo da lógica ou de um irracionalista.

Esta minha observação parece estar em sintonia com o renascimento dos estudos da obra de Nietzsche nas últimas décadas. Talvez por boa parte da análise de Nietzsche acerca da lógica estar em seus cadernos de anotação não publicados e na obra *Vontade de Poder* (que não foi organizada por ele), vários comentadores descartam a importância desses pensamentos. Eu me posiciono ao lado de Arthur Coleman Danto, Alistair Moles, Eric Steinhart e Steven D. Hales que consideram as reflexões acerca da linguagem e lógica como essenciais para todo o desdobramento dos conceitos nietzschianos.

Por que, no entanto, considerar esta faceta da obra de Nietzsche? Porque para Nietzsche toda a sua reflexão conceptual da ‘vontade de poder’, ‘espírito-livre’, o ‘homem-além-de-si’, ‘a transvaloração de todos os valores’, etc. começa como uma crítica ao valor da verdade para a vida de um ponto de vista, primeiramente, de uma crítica da lógica e razão, e, posteriormente, de um abarcamento da lógica e da razão como meios úteis à vida. Para Nietzsche, então, a lógica e a razão, por serem úteis à vida, são como instrumentos de poder: todo instrumento de poder pode ser utilizado para três grandes fins, a saber, degenerar ou destruir a vida, preservar a vida ou engrandecê-la.

No entanto, a posição de Nietzsche no que concerne a lógica é que ela não surge como um resultado da vontade de poder e nem como uma vontade de verdade: a lógica parece-lhe inteiramente um campo de análise e estrutura profunda da linguagem que não tem nenhuma correspondência com a realidade ou com a “essência” da realidade. Portanto, do ponto de vista de sua filosofia, como veremos

mais tarde, a sabedoria nietzschiana não está preconizando a idéia de um mundo logicizável como real, mas apenas como instrumento de poder.

Estas entre outras observações de Nietzsche acerca de conceitos, categorias, esquemas conceituais e a lógica que ele estudara serão cruciais para os fins deste projecto, que é, a saber, se em Nietzsche é possível concluir que este é um mundo de eventos impermanentes, induráveis, sem essência ou substância, sem agentes ou causa, sem identidade, um mundo, enfim, contraditório em sua constituição. Com este projecto, portanto, tenho a intenção de encontrar em Nietzsche a confirmação de uma realidade impermanente. Em consequência torna-se necessário uma análise dos aforismos e passagens nos quais Nietzsche pensa acerca da lógica, da formação de e o quê são conceitos e principalmente acerca do Princípio da Identidade, assim como o Princípio da Identidade dos Indiscerníveis, este que é central na discussão nietzschiana. Visto que na lógica e sua semântica encontram-se conceitos como ‘substância’, ‘sujeito’, ‘objecto’, ‘atributo’, ‘propriedade’, todos eles os quais são-lha indispensáveis, toda a discussão deste projecto estará voltada às invectivas nietzschianas a eles.

2. NIETZSCHE E A LÓGICA

Para muitos a lógica tornou-se, desde a morte de Nietzsche e ao longo já desde o século vinte, uma *conditio sine qua non* do filosofar e, no entanto, as posições filosóficas de Nietzsche acerca da lógica são um tanto únicas na história da filosofia. Assim sendo, esperar-se-ia encontrar no corpus da análise da obra de Nietzsche muitas entradas e considerações de vários filósofos acerca da posição de Nietzsche sobre a lógica. Este não parece ser o caso comum: nas 1912 entradas em Hilliard's “*Nietzsche Scholarship in English: A Bibliography 1968-1992*” não há um caso de artigo em menção

sobre lógica. E nas 4566 entradas de Reichert e Schlechta's *International Nietzsches Bibliography* de 1968 não há nada. Em obras escritas que analisam o corpus nietzschiano há pouco ou nada sobre lógica ou sobre os comentários e pensamentos de Nietzsche sobre lógica, desde Kaufmann - tradutor, comentador e estudioso de Nietzsche para a língua Inglesa - em "*Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*", Nehamas em "*Nietzsche: Life as Literature*", assim como em Clark, Danto e Schacht⁴.

Os conhecimentos de Nietzsche acerca de lógica parecem um pouco estranhos, mas ele conhecia bem a lógica aristotélica e utilizou-se algumas vezes ao longo de suas obras de reduções ao absurdo, assim como também conhecia a definição de várias falácias de linguagem informal. Ele leu Kant e Hegel, mas parece desconhecer os principais nomes da lógica no século dezenove: não conhecia a álgebra booleana de George Boole, ou Augustus de Morgan. Nunca entrou em contacto com o inventor do cálculo de predicados, Gottlob Frege, ou sua obra. Do pensamento de John Stuart Mill ele conhecia, aparentemente, apenas a ética.

Parece certo que o conhecimento de Nietzsche sobre lógica não era a lógica contemporânea de sua época: mas, então, quais são as razões de sua invectiva contra ela, ou qual a natureza de sua crítica? Se sua crítica é válida, então vivemos num mundo impermanente, de eventos e fenômenos absolutamente transitórios? E quais conseqüências, em termos do que é verdadeiro, em termos da vontade de verdade e vontade de poder, podem ser tiradas a partir de seu cepticismo e crítica. A minha metodologia de análise será genealógica e cronológica, desde os textos primitivos - incluindo os não publicados - de Nietzsche até o fim de sua vida produtiva.

4 HALES, Steven D.. *Nietzsche on Logic. Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 56, No. 4. (Dec., 1996), pp. 819-835.

2.1. NIETZSCHE SOBRE O CONHECIMENTO, CONCEITOS E A LÓGICA EM “SOBRE A VERDADE E A MENTIRA NO SENTIDO EXTRA-MORAL”

Neste ensaio escrito por Nietzsche em 1873, um ano após o livro “O Nascimento da Tragédia”, existem todas as conclusões e críticas nietzschianas em forma de crisálida consideradas acerca da linguagem, conhecimento e o critério bivalente de validade, ou seja, que, necessariamente, uma proposição é verdadeira ou falsa. No que concerne à linguagem, Nietzsche discorre sobre a formação de conceitos e dá sua definição do que são conceitos. Para Nietzsche a classificação do que é considerado verdadeiro ou falso, ou o que é real ou ilusório está intimamente ligada com a identificação de conceitos com casos ou instâncias destes na realidade, mas nada disto possui qualquer correspondência com o mundo tal como ele o é.

No início do ensaio há uma famosa pequena fábula na qual as criaturas que inventaram a cognição estão aí em um planeta de um dentre muitos sistemas solares cintilantes e que a invenção da cognição foi apenas um minuto da existência de tremenda arrogância. Passado algum tempo - relativo ao tempo do mundo que é muito maior e abrangente - o planeta esfriou e estas criaturas tiveram de perecer. Tal é a posição de Nietzsche acerca do conhecimento: uma actividade fugaz e um tanto quanto fútil perante a natureza. Os homens, por não possuírem ou serem dotados de garras, chifres ou outras capacidades físicas que os tornassem perigosos, desenvolveram a cognição inicialmente para subterfúgio, mentira e enganação. Depois que houve a necessidade de união em sociedade e com a necessidade de eliminar-se a *bellum omnium contra omnes*⁵, os homens adotaram aquelas

5 'Guerra de todos contra todos': frase associada à descrição de Thomas Hobbes sobre o estado da natureza antes da instituição da autoridade política (cf Hobbes, *De cive* I. 12 e *Leviathan*, capítulo XIII).

conseqüências das verdades que preservavam a vida e que lhes eram prazerosas; as verdades que por conseqüência eram nocivas à vida ou que eram puro conhecimento - sem conseqüência - eram desprezadas. Um homem seria dito ou classificado pelos seus conterrâneos como mentiroso quando este dissesse algo irreal como real, como por exemplo, um homem que diria: 'Eu sou rico', quando que a propriedade de ser 'rico' não seria o caso, pois este era 'pobre'. Os homens, segundo Nietzsche, não se importam tanto em ser enganados, o que lhes importa é se seriam enganados e sofreriam por isso; isto a todo custo precisava ser evitado. Todo homem, portanto, que enganasse e prejudicasse outrem com suas mentiras era rebaixado ou retirado da ordem dos ranques da sociedade. Assim sendo, Nietzsche parece supor que os homens, desde tempos primitivos, adotavam a teoria de verdade de correspondência para fins pragmáticos. Agora, Nietzsche pergunta-se sobre as convenções da linguagem, o status delas: se elas são productos do conhecimento, do sentido da verdade, se há uma real correspondência com coisas e suas designações - os conceitos - e se a linguagem possui total e adequada expressividade de todas as realidades.

Nietzsche pensa que a idéia que designações e conceitos das linguagens são de algum modo associadas à verdade e à certeza só é possível no caso dos seres humanos porque eles se esquecem da natureza da linguagem e a formação conceptiva dos seus termos. Ele define que palavras são cópias de estímulos nervosos. Quando certa pessoa profere 'A pedra é dura' não há nenhuma relação causal entre a pessoa e a pedra - ou fora de nós e qualquer coisa -, mas apenas que a propriedade de ela ser entendida como 'dura' resta pura e unicamente em uma experiência subjectiva, ou seja, num estímulo nervoso. Dividimos as palavras segundo gêneros, Nietzsche pensa aqui nas palavras Alemãs *Baum* e *Pflanze*, que em Português significam árvore e planta, mas em Alemão a primeira é masculina e a segunda feminina e que isto é deveras arbitrário do ponto de vista lógico. Certamente elas não se originam sobre o critério da certeza ou verdade mas por pura convenção. Nós dentro das designações

da linguagem informal vamos muito longe - para não dizer que violamos - do critério da certeza ou verdade. Quando analisamos linguagens diferentes lado a lado verificamos que suas expressões e designações nunca são em nome da verdade e que nunca possuem um leque adequado de definições da realidade. Assim, as linguagens naturais não falam das coisas elas mesmas, mas de metáforas de coisas em relação com os homens; ousadas metáforas! Assim Nietzsche conclui:

*The stimulation of a nerve is first translated into an image: first metaphor! The image is then imitated by a sound: second metaphor! And each time there is a complete leap from one sphere into the heart of another, new sphere.*⁶

Assim o processo fenomenológico de formação de conceitos é como um salto metafórico um atrás do outro. Dir-se-ia de passagem que poderíamos considerar, inclusive, que a imanência dos eventos e fenômenos, seus efeitos, não são o fenômeno ou evento em si: isto já seria, talvez, uma metáfora. De um estímulo a uma imagem, outra metáfora, de um som associado a esta imagem, outra metáfora, de símbolos visuais associados ao som, outra metáfora, cada uma são esferas metafóricas diferentes entre si. A observância de um homem totalmente surdo - e que nunca escutou nada - ao descobrir uma relação causal do som de uma corda e seus efeitos em figuras sonoras de Chladni⁷ na forma visual que o som provoca na areia ficaria estupefacto em supor que isto é o som: assim se dá nossa relação com a linguagem. As figuras na areia são como metáforas visuais no entendimento de

6 GEUSS, Reymond e SPEIRS, Ronald. **THE BIRTH OF TRAGEDY AND OTHER WRITINGS**, CAMBRIDGE TEXTS IN THE HISTORY OF PHILOSOPHY, 1999, pg. 144.

7 Ernest Florence Friedrich Chladni: (Wittenberg 30 de Novembro de 1756 – Breslávia 3 Abril 1827) foi um físico e músico alemão que investigou a vibração de placas e o cálculo da velocidade do som para diferentes gases. Devido a estas suas investigações é atualmente denominado o "pai da acústica". Também fez um trabalho pioneiro no estudo de meteoritos e, portanto, também é considerado por alguns como o "pai dos meteoritos".

um homem surdo sobre o som; que, de facto, ele nunca compreenderia o som, assim como nós com um arcabouço de metáforas não entendemos verdadeiramente os fenômenos ou eventos no mundo, cada um em si mesmo, ou cada entidade no seu estado original.

Assim, neste ensaio, Nietzsche pensa que o ‘X’ que se nos apresenta na realidade, esta coisa-em-si, continua a ser-nos incompreensível, porque ele apresenta-se como um estímulo nervoso, depois uma imagem e depois um som. Assim a linguagem não surge como um fonte de essências das coisas mesmas, mas procede apenas illogicamente de modo que o pesquisador ou o filósofo não possui um instrumento para analisar a realidade que seja lógico.

A formação de conceitos, vista por Nietzsche, não são da ordem da memória de eventos e fenômenos em seus estados originais, totalmente únicos e individuados, de uma experiência primária da qual este conceito é uma mnêmê de sua referência; mas que o conceito deva conotar inúmeros casos e referências mais ou menos semelhantes entre si, ou seja, de casos que, em *stricto sensu*, nunca equivalem entre si e que são sempre desiguais. Todo conceito, segundo Nietzsche, torna-se conceito com a equação daquelas coisas que não são equivalentes. Aqui Nietzsche parece evocar o ‘Princípio da Identidade dos Indiscerníveis’⁸ de Leibniz:

8 “IDENTIDADE DOS INDISCERNÍVEIS” “Segundo Leibniz, não ocorre o caso de dois objetos serem idênticos no que diz respeito a todas as propriedades e que difiram apenas na posição no tempo e no espaço: a diferença puramente espacial ou temporal é sempre baseada numa diferença *interna* (que nos escapa por simples ignorância), transferida para as qualidades não espaciais e não temporais (em geral: para as qualidades não relacionais) dos objetos em exame. Esse princípio vincula-se assim, em Leibniz, ao princípio de *razão suficiente*: se entre dois objetos reais subsiste uma diferença espacial ou temporal, deve haver uma razão ou motivo *intrínseco* a cada um dos dois objetos que determina a sua diferença. Desse ponto de vista, uma mera diferença espaciotemporal é portanto suficiente para levar a considerar discerníveis, logo não idênticos, dois objetos.” “Do ponto de vista lógico, o princípio – que pode ser expresso formalmente nos termos seguintes: $\forall x \forall y (\forall P (Px \leftrightarrow Py) \leftrightarrow (x = y))$ – é parte da definição da identidade e deve ser considerado distinto do princípio de indiscernibilidade dos idênticos (v.)”. ABBAGNANO, Nicola. **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA**, EDIÇÃO MARTINS FONTES, 2007, pg. 614.

Just as it is certain that no leaf is ever exactly the same as any other leaf, it is equally certain that the concept 'leaf' is formed by dropping these individual differences arbitrarily, by forgetting those features which differentiate one thing from another, so that the concept then gives rise to the notion that something say, from which all leaves were woven, drawn, delineated, dyed, curled, painted - but by clumsy pair of hands, so that no single example turned out to be faithful, correct and reliable copy of the primal form.⁹

O termo e o conceito 'folha', assim como no caso de Leibniz, é utilizado por Nietzsche para explicitar a total unicidade e individualidade de dois fenômenos que sendo distintos em espaço e tempo, apesar de serem semelhantes, não podem nunca serem idênticos entre si; isto é entendido por Nietzsche como certo. Visto que se dois fenômenos fossem compreendidos através de um único conceito, ou ainda, um único termo, duas coisas diferentes seriam conceitualmente as mesmas coisas, o que é falso e ilógico; portanto, para Nietzsche e isto valerá para este filósofo deste ensaio em diante em sua vida produtiva, todo evento e fenômeno para a vontade de poder é individuado e único, portanto, todo fenômeno ou evento para a vontade de poder é um discernível. Um conceito é, nesta concepção, a equação entre coisas diferentes; e para que ele seja formado é necessário que sejam esquecidas e deletadas as diferenças entre essas coisas para que, então, sejam concebidas coisas como 'folha', 'cadeira', ou 'planeta'. Assim sendo, 'conceitos' ou 'coisas' são concebidos como reais e como correspondentes a todos esses fenômenos que se diferem entre si.

Novamente, Nietzsche assevera que um conceito ou forma só é produzido ao se ignorar o quê individual e real; apesar disto a natureza não conhece nada do que seja conceptual ou desconhece qualquer forma, para a natureza eles nem sequer existem; portanto nenhuma espécie, mas só um

⁹ GEUSS, Reymond e SPEIRS, Ronald. *THE BIRTH OF TRAGEDY AND OTHER WRITINGS, CAMBRIDGE TEXTS IN THE HISTORY OF PHILOSOPHY*, 1999, pg. 145

indefinível e desconhecido ‘X’ apresenta-se para nós. A oposição entre espécie e indivíduo é um antropomorfismo, e, segundo Nietzsche, não é derivada da essência das coisas, ainda que nós também não possamos saber se elas *não* correspondem a essência das coisas, pois isto seria uma afirmação dogmática segundo este argumento. Neste momento da filosofia nietzschiana a ‘*Ding an sich*’¹⁰ kantiana ainda é um conceito pertinente e válido ao seu pensamento, mas como veremos adiante, mesmo este conceito metafísico limítrofe é posteriormente criticado e descartado.

Assim, a verdade para Nietzsche é um exército móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos que com a passar do tempo e o uso, intensificação, da utilização na poesia, na retórica, ou na tradução firmam-se e estabelecem-se como que moedas sem símbolos, desgastadas, sem a mesma sensibilidade e estampa antigas e são consideradas agora apenas como metal. Exactamente por causa deste esquecimento inconsciente que coagula imagens em conceitos, pela convenção, os homens chegam à ‘sensação da verdade’, ou um ‘*pathos* da verdade’ e perante o real e as experiências originárias mentem generalizando pela utilidade dessas verdades. Quando o sentimento ou sensação da verdade arraigam-se e tornam-se comuns, torna-se moral dizer a verdade e imoral mentir, ou seja, utilizar generalizações conceituais ou mentir, para Nietzsche, é dizer a verdade. Dizer a verdade e ser moral é saber seguir os jogos das regras da linguagem, os esquemas conceituais, que não possuem nenhuma correspondência com o que é real, portanto, com o que é verdadeiro. O início de todo conceito é uma ‘invenção’, um acto de arte, pelo menos no que concerne a tornar um estímulo nervoso em imagem e associar esta imagem a um som. Conquanto que o uso da linguagem afasta-se da sensualidade das experiências originais, de suas individualidades, e generaliza equações entre diversas coisas diferentes, exalando lógica, tal como na matemática igualam-se entidades diferentes, mas com as mesmas propriedades. Assim, no jogo dos conceitos, ‘verdade’ significa esquematizar e classificar

¹⁰ Coisa-em-si. Segundo o ‘Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano’ da mesma edição já supracitado, este conceito não é invenção de Immanuel Kant, mas era um conceito comum no iluminismo do século XVIII como em D’Alembert, Condillac, Bonnet e Maupertuis e que Kant estaria continuando a tradição. Pg. 177.

coisas de acordo com suas designações, correspondências e hierarquias de classes conceptivas, ou seja, categorias. A humanidade, portanto, é como um poderoso gênio arquitetural que move castelos de conceitos extremamente complexos sobre águas, sobre experiências subjectivas.

Os homens mensuram, portanto, todas as coisas a partir de si mesmos, acreditando falsamente que seus conceitos não são metafóricos e que suas classificações e predicções dão acesso directo à verdade dos fenômenos no mundo, como se seus conceitos fossem as coisas elas mesmas, ou, ao menos, como se fossem um reflexo real das coisas mesmas ao nível dos conceitos. Além disso, os homens não possuem um critério absoluto de verdade, pois isso requereria um critério de ‘percepção correcta’ e visto que não existe entre os organismos uma primazia perceptiva, a questão da percepção correcta é insignificante. Um pássaro ou um insecto não possuem uma percepção privilegiada do mundo, assim como os homens não. Assim sendo, uma expressão completa e perfeita de uma percepção correcta seria uma expressão perfeitamente adequada de um objecto num sujeito, o que é impossível e contraditório, pois não há percepções perfeitas, logo, não existem expressões perfeitas, visto que objecto e sujeito são esferas totalmente distintas e entre eles:

...there is no causality, no correctness, no expression, but at most an aesthetic way of relating, by which I mean an allusive transference, a stammering translation into a quite different language.¹¹

A relação, no entanto, de um estímulo nervoso e uma imagem, segundo Nietzsche, não possuem uma relação necessária directa e o processo e transferências alusivas de um salto de esfera em

11 GEUSS, Reymond e SPEIRS, Ronald. **THE BIRTH OF TRAGEDY AND OTHER WRITINGS**, CAMBRIDGE TEXTS IN THE HISTORY OF PHILOSOPHY, 1999, pg. 148

esfera metafórica, a idéia de causalidade só passa a ter carácter necessário para os homens quando a mesma imagem do acontecimento de um evento ocorre muitíssimas vezes e ela é comunicada de gerações a gerações futuras de homens. Assim uma imagem adquire o carácter necessário para um certo estímulo nervoso ‘como’ se a relação entre os dois fosse estritamente causal; tal como um sonho que repetido muitas vezes fosse visto e julgado como real.

Se cada homem tivesse uma percepção diferente de eventos ou fenômenos, ou se eles percebessem os fenômenos como uma planta, uma minhoca ou um cão, ou ainda, se o mesmo estímulo nervoso gerasse imagens diferentes para homens diferentes, não veríamos a natureza como formada por leis ubíquas, universais e necessárias. Tudo seria, ao invés, uma formação subjectiva complexa. Assim, o que conhecemos das “leis” da natureza são seus efeitos e das relações entre uma “lei” com outra dita “lei”, tudo o que sabemos da natureza são relações. Agora, a essência dessas relações ou o que é essencialmente uma lei natural são-nos totalmente desconhecidas; porque concebemos a natureza através das formas do espaço e tempo, o que nós conhecemos são relações de sucessões e número. Para Nietzsche, somente através das formas espaço e tempo o edifício dos conceitos e os esquemas conceituais poderiam ser formados através das fundações das metáforas: a formação dos conceitos, portanto, pressupõe as formas do espaço e do tempo. O edifício dos conceitos é sempre uma relação entre as formas espaço, tempo e número fundadas nas metáforas.

3. NIETZSCHE E OS AFORISMOS E PASSAGENS ACERCA DA LÓGICA, DA INDIVIDUAÇÃO, DOS “CASOS IDÊNTICOS”, DO PRINCÍPIO DA IDENTIDADE, CAUSALIDADE, SUBSTÂNCIA, DA IDÉIA DE DEVIR E FLUXO.

Depois desta análise feita do ensaio de SVM de 1873, é necessário analisar a perspectiva de Nietzsche acerca de temas semelhantes como a fenomenologia dos conceitos, identidade, dos ‘casos idênticos’ de que ele tanto fala na VP e entre outras obras analisar as idéias de individuação, diferença e igualdade. A minha razão de perscrutar estas próximas obras de Nietzsche é que nelas encontram-se muitos argumentos que sustentam a tese de que este é um mundo de eventos e fenômenos impermanentes, de actos sem causa ou de actos sem agência e um mundo sem substâncias: o objectivo principal deste trabalho é determinar se de acordo com Nietzsche este é um mundo de tal modo concebido. É necessário também pensar como o filósofo pensava que esses conceitos e idéias eram afectados pela sua concepção de devir e fluxo.

Da obra VP é possível analisar uma teoria proto-ontológica de sua teoria do conhecimento, onde estão escritos a maioria de suas considerações e conclusões acerca da relação entre linguagem, lógica e identidade. Vou considerar muitos fragmentos desta obra, analisá-los um por um, assim como os das obras publicadas em vida que considere altamente relevantes para os fins deste projecto.

3.1. CONSIDERAÇÕES EXTEMPORÂNEAS OU CONSIDERAÇÕES INTEMPESTIVAS.

SCHOPENHAUER COMO EDUCADOR

Nietzsche começa este ensaio com uma pequena estória acerca de um homem viajante que teria visto muitas terras em todos os continentes. Este homem ao ser interpelado por outros sobre o quê ele havia encontrado em comum sobre todos os homens, responde-lhes que eles eram preguiçosos. Ao passo disso, ao contrário, Nietzsche assevera:

In his heart every man knows quite well that, being unique, he will be in the world only once and that no imaginable chance will for a second time gather together into a unity so strangely variegated an assortment as he is: he knows it but he hides it like a bad conscience -¹²

Para Nietzsche cada homem é absolutamente único e individuado e para ele os homens sabem disto em seus íntimos, embora continuem a evitar a possibilidade de exercer a unicidade de si ou por modéstia em casos raros ou por medo de represália das massas e seus vizinhos. É o instinto de bando ou gado que o faz não ser incondicionalmente honesto sobre qualquer assunto ou ser honesto sobre a realidade e aceitar quem ele é e quer ser no mundo. Os artistas são, no entanto, os que em primeiro lugar denunciam esta má consciência.

Este tipo de pensamento certamente é levado em conta até mesmo nas últimas obras de Nietzsche: ele estende esta idéia a outros fenômenos. Partindo da análise psicológica da unicidade de cada homem - cada ego -, cada fenômeno também é experienciado como único e perspectivado como único. Assim como cada homem é individuado, todo fenômeno que ele possa detectar também é. Os artistas ainda por cima descrevem-no como belo, único e de nenhum modo tedioso. Assim, quando um grande pensador debruça-se sobre a questão acerca da preguiça da humanidade, ele sente repulsa e

12 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *Translated by* HOLLINGDALE, R. J.. **UNTIMELY MEDITATIONS. SCHOPENHAUER AS EDUCATOR**. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1997, pg. 127.

reprovação, pois homens que não exercem sua unicidade são como produtos de fábricas, sem consequência e indignos de se associar com ele. Para Nietzsche a nossa própria consciência pede-nos ‘a sermos nós mesmos’, isso é próprio da consciência dos homens e é na consciência onde brota a idéia de individuação e a idéia de unicidade.

Porque nós somos responsáveis por nossa própria existência, ou seja, para demonstrarmos o porquê e para que fim a nossa existência tem sentido, devemos pensar por nós mesmos e avaliar o mundo e as opiniões públicas com uma distância de individualidade; sem que sejamos apenas um amalgamado ao acaso e sem sentido. Porque o destino da vida é a morte e nossa individuação está fadada ao perecimento, esta é outra razão, segundo Nietzsche, para sermos nós mesmos e pensarmos por nós mesmos. Ninguém, segundo ele, pode passar pela vida sem criar para si o meio do qual ele mesmo passará pela vida. Existem muitos caminhos, idéias e pontes ao longo da vida, mas somos nós e nós apenas que construímos nossas pontes.

3.2. HUMANO, DEMASIADO HUMANO

Desta obra pretendo analisar dois aforismos que penso serem pertinentes aos objectivos deste projecto, a saber, o aforismo dezenove do primeiro volume de HH e o aforismo onze do segundo

volume. O primeiro aforismo analisado lida com a questão da identidade por igualdade e de coisidade, ou seja, se é possível que duas ou mais coisas sejam idênticas entre si e, portanto, possam ser contadas. Enfim, que se trata de uma ‘coisa’ instanciada em vários casos. O segundo aforismo analisado lida com a idéia de fluxo universal de todos os eventos e fenômenos defendida por Nietzsche de todos os eventos e fenômenos deste mundo, com a idéia de ‘factos isolados’ que ele critica negativamente e com uma negação da idéia de livre-arbítrio. A idéia de factos isolados, segundo ele, acaba por desembocar na falsa idéia de ‘factos idênticos’ que mais tarde ele passará a chamar de ‘casos idênticos’, a qual ele amplamente critica negativamente em obras posteriores.

AFORISMO 19

Number. - The invention of the laws of numbers was made on the basis of the error, dominant even from the earliest times, that there are identical things (but in fact nothing is identical with anything else); at least that there are things (but there is no 'thing'). The assumption of plurality always presupposes the existence of something that occurs more than once: but precisely here error already holds sway, here already we are fabricating beings, unities which do not exist.¹³

Este aforismo é um dos primeiros de Nietzsche nos quais o filósofo expõe o que Steven D. Hales chama de seu antirrealismo. Novamente como em SVM, Nietzsche pensa ser impossível que dois eventos ou fenômenos que não são um e o mesmo - que são necessariamente discerníveis - possam ser idênticos entre si. As leis axiomáticas dos números pressupõem, na aritmética *standard*,

13 NIETZSCHE, FRIEDRICH. **HUMAN, ALL TOO HUMAN**. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1996, pg. 22, aforismo 19. Translated by R. J. Hollingdale.

que a pluralidade de factores - os números - depende da ocorrência da mesma 'coisa' várias e várias vezes, mas não existe nada como uma 'coisa', um quê abstracto categorizável ou pertencente a uma categoria ou idêntico com qualquer outra coisa. Assim sendo, quando contamos coisas, estamos cometendo o erro de supormos a ocorrência da mesma coisa em instâncias de casos fenomenais diferentes. Por esta razão estamos em erro quanto as nossas percepções espaciais e temporais, ou seja, em consideração do Princípio da Identidade dos Indiscerníveis, pois tudo o que julgamos espacialmente e temporalmente depende de nossa capacidade de contar diferentes coisas como sendo as mesmas. Tal quando mensuramos algo, ou quando contamos a duração de eventos como de variáveis de velocidade média num gráfico de distância sobre o tempo; em consideração a este princípio leibniziano, chegamos, segundo Nietzsche, a contradições lógicas.

Porque nossos julgamentos e cálculos espaciais e temporais lidam com magnitudes falsas, ou seja, as 'mesmas' magnitudes - e.g. em metros ou quilômetros, ou segundos e horas -, e porque continuamos a calcular com estas mesmas magnitudes, a rigorosidade dos cálculos aumenta. Quando continuamos o cálculo com as mesmas magnitudes falsas, segundo Nietzsche e a teoria atômica de sua época, o acúmulo de erros mostra-se notório quando lidamos com a teoria dos átomos. Para realizarmos o cálculo do movimento de algo, supomos a existência e um substrato, de um material, ou 'coisa material', ou 'matéria' e todas as ciências naturais parecem voltadas à idéia de essências, ou matérias atômicas em movimento e no cálculo desses movimentos, separando aquilo que move do que é movido. Segundo Nietzsche, não podemos nos livrar deste tipo de preconceito porque acreditamos na existência de 'coisas' desde tempos imemoriais.

Citando Kant, que pensa que não derivamos as leis da natureza ao analisá-la, mas prescrevemo-la leis, Nietzsche pensa como absolutamente correcto que a natureza equacionada como 'um mundo de idéias' é na realidade 'um mundo de erros', erros humanos que só são válidos no mundo humano. Aqui

Nietzsche passa, como podemos ver, a considerar as formas de espaço e tempo apenas como ilusões humanas, um passo tomado ainda mais céptico do que aquele que ele assume em SVM.

VOLUME II

- O ANDARILHO E SUA SOMBRA -

AFORISMO 11

“Freedom of will and isolation of facts.” Nietzsche critica aqui a idéia de factos, como se eles não pudessem ser vistos como isolados, nem que haveria espaços vazios entre eles dados em conjunto a estes: isto seria um modo enviesado e impreciso de observação. As seguintes proposições são caras a este projecto:

In reality, however, all our doing and knowing is not a succession of facts and empty spaces but a continuous flux.¹⁴

Ora, para Nietzsche, a realidade não é um conjunto de factos isolados e vazios, nem a sucessão destes, mas um contínuo fluxo; um caos torrencial de sensações, percepções e efeitos contínuos de

14 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *HUMAN, ALL TOO HUMAN*, CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS 1996
Translated by R. J. Hollingdale, pg. 306, aforismo 11.

fenômeno a fenômeno sem interrupção. Considerando a idéia de contínuo fluxo, ele põe em dúvida a suposição de livre-arbítrio; esta hipótese pressupõe que cada acção é isolada e indivisível, conquanto que se a realidade é um contínuo fluxo homogêneo e não dividido, se tudo é tocado por este fluxo, então não há tal coisa como livre arbitrariedade. Este nosso modo de observação sobre factos leva-nos a crer em caracteres idênticos e factos idênticos, os quais Nietzsche a ambos os nega como existentes. Sobre a falsa pressuposição de factos idênticos nós pensamos que há uma classe e ordem graduada de factos, factos isolados, como acções boas, más, simpáticas ou invejosas e porque o fazemos de modo a isolá-las, caímos em erro. A origem deste erro, segundo Nietzsche, está na ‘palavra’ e ‘conceito’, ou seja, na linguagem. Com a linguagem, palavras e conceitos nós pensamos que atingimos o verdadeiro das coisas. Em razão das palavras e conceitos nós pensamos as coisas como se fossem em si mesmas algo independente de nosso modo de considerá-las, como se fossem separadas e indivisíveis. A linguagem, para Nietzsche, portanto é uma evangelista da liberdade de vontade, fazendo-nos crer em mitologias como factos isolados e factos idênticos.

3.3. A GAIA CIÊNCIA

Desta obra pretendo analisar quatro aforismos que penso serem pertinentes aos fins deste projecto, a saber, o aforismo cento e onze, o aforismo cento e doze, o aforismo trezentos e trinta e

cinco e o aforismo trezentos e cinquenta e quatro. O primeiro destes aforismos especula a origem da lógica no pensamento humano como uma consequência utilitária evolucionária, ou seja, é uma explicação ou argumento biológico que desenvolve um importante conceito trabalhado neste projecto que é, a saber, o famoso “caso idêntico”. O segundo destes aforismos lida com uma refutação da idéia de causa e efeito ou de causalidade e é pertinente ao fim deste projecto em sua busca por responder se este é um mundo de actos sem agências ou agentes. O terceiro destes aforismos lida com dogmas morais de um ponto de vista abstrato, refutando as posições dos moralistas com o principal argumento da discernibilidade e unicidade de cada acção que existiu, existe ou existirá. Este aforismo é pertinente à idéia de unicidade de cada evento deste mundo que é um tópico central deste projecto. O quarto aforismo lida com a idéia de consciência, o que é consciência, se a maioria de nossas acções “entra” em nossas consciências; é recorrente aqui, novamente, a idéia de que todas as nossas acções são individuadas e discerníveis e, portanto, este é um aforismo que resolvi trabalhar neste projecto, pois é pertinente à crítica da causalidade e de agência.

AFORISMO 111

“Origin of the logical. - How did logic come into existence in man's head? Certainly out of illogic, whose realm originally must have been immense. Innumerable beings who made inferences in a way different from ours perished; for all that, their ways might have been truer. Those for example, who did not know how to find often enough what is "equal" as regards both nourishment and hostile animals – those, in other words, who subsumed things too slowly and cautiously - were favored with a lesser probability

of survival than those who guessed immediately upon encountering similar instances that they must be equal.”¹⁵

Origin of the logical. - Em Nietzsche a origem dos grandes conceitos ou áreas do conhecimento, valores, religiões e instituições nascem, senão todas as vezes, de seus contrários - como o aparente “altruísmo” nascendo do ‘egoísmo’ -, da falta de sentido. Assim se dá a lógica como ele a concebia, esta teria nascido da ilógica ou falta de sentido e inúmeros seres que pensavam e faziam inferências diferentes de nós teriam perecido, talvez os modos como eles pensavam tivessem sido mais verdadeiros que os nossos. Aqui a idéia de ‘casos idênticos’ é recorrente: os seres que não percebiam e classificavam animais hostis e alimento como “iguais” em diferentes casos, tiveram menos chance de sobrevivência que aqueles animais que o faziam, esses que o faziam reproduziram-se e formaram o bioma animal actual. Novamente aqui recorre o Princípio da Identidade dos Indiscerníveis: Nietzsche pensa que o predomínio de tratar o que é apenas similar como “igual”, é uma tendência ilógica, pois nada é deveras igual com qualquer outra coisa: isto criou a possibilidade e base para a lógica. De igual modo o conceito de ‘substância’, que é indispensável para a lógica, formou-se depois de longos períodos de tempo, quando grupos de indivíduos pararam de ver e perceber as mudanças nos fenômenos. Assim os seres que viam tudo “em fluxo” estavam em desvantagem àqueles seres que não o faziam. É recorrente em Nietzsche a seguinte idéia: todo grau de cepticismo, todo grau de cautela em raciocínios minuciosos e verossímeis com os detalhes dos fenômenos na realidade representa uma ameaça à vida. Segundo ele, nenhum ser teria sobrevivido se não afirmasse seus julgamentos, se não errasse, se não assentisse, se não passasse julgamentos antes do que seus contrários: se não fosse assim os seres não teriam se reproduzido e se tornado fortes.

15 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE GAY SCIENCE*. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK 1974, pg. 171.

Esta passagem de a GC, portanto, defende uma razão utilitária para a origem da base da lógica e, antes do que tudo, o que havia antes da lógica eram raciocínios que permitiam classificar o que era apenas semelhante como “igual”, sendo que isto seria útil e vantajoso aos seres que assim o faziam. A origem da base da lógica é, portanto, utilitária.

AFORISMO 112

Cause and Effect. O que nós entendemos como causa, ou seja, aquilo que antecede e o efeito, aquilo que sucede, Nietzsche entende como um tipo de ‘explicação’ os nossos raciocínios causais, os quais chamamos de ‘porquê’s’ de tal e tal evento. As nossas explicações não diferem em número das explicações dos antigos e nossos antepassados, mas elas são melhores no grau de precisão de suas descrições. Sobre causação o que é dito é que isso e aquilo deve preceder para que isso ou aquilo siga-se ou ocorra e isso não envolve nenhuma ‘compreensão’, segundo Nietzsche, de como a imagem do devir forma-se, pois, afinal, o que obtemos é apenas uma imagem. Para Nietzsche, justamente porque compreendemos os fenômenos nas ciências através de imagens, não somos capazes de ter compreensão de como os eventos se dão: processos químicos são-lhe miraculosos, e ninguém sequer nunca explicou o movimento de um empurrão:

We operate only with things that do not exist: lines, planes, bodies, atoms, divisible time spans, divisible spaces. How should explanations be at all possible when we first turn everything into an image, our image!¹⁶

16 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE GAY SCIENCE*. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK 1974, pg. 172.

Sendo assim, o que nós fazemos são antropomorfismos ao explicarmos o-que-antecede-e-sucede e esses antropomorfismos são tentativas da ciência de humanizar os fenômenos a nossa volta, são modos de explicar a nós mesmos mais precisamente. Portanto, na melhor das hipóteses, a dualidade ‘causa’ e ‘efeito’ provavelmente não existe, pois a realidade é como um continuum que nós tentamos dividir em pedaços para podermos compreendê-lo de um ponto de vista artificial: tal como pensamos movimento como pontos no espaço, embora nunca vejamos esses pontos e um espaço dividido em pontos, polígonos e retas.

As nossas surpresas com a rapidez de muitos efeitos só a nós é uma surpresa; bastaria que uma perspectiva visse tudo em fluxo e como em um continuum para que negássemos a separação entre causa e efeito e por consequência toda a condicionalidade. Este aforismo, portanto, reafirma as conclusões constantes em Nietzsche de que este mundo é um mundo em fluxo, em constante mudança e não há nada, nenhum fenômeno que esteja em uma situação preta e, em outro momento, a branca: não há separação, sequer, de um momento ao outro, o tempo não é divisível. Não há separação entre o pregador, o martelo e o prego no dado evento em se pregar, ou de um fósforo ao entrar em combustão, a caixa de fósforos, quem segura ambos e qualquer outra combustão que se siga. A roda do mundo nunca parece parar para nenhuma perspectiva, outra razão do porquê em se negar um olhar de Deus sobre o mundo ou uma consciência transcendental.

AFORISMO 335

Long live physics! - Neste aforismo Nietzsche dedica-se a criticar a moralidade de homens que não questionam a origem de seus julgamentos morais e suas certezas de que tal e tal julgamento é ‘moral’, ‘certo’ e ‘necessário’, ou seja, que ‘isto é certo’, que ‘portanto, devo assim agir’ e que ‘procederei a agir conforme este julgamento’. Ao pensarmos o porquê que um homem pensa assim e ao questioná-lo do porquê, ele em geral responde: ‘por que esta é a voz da minha consciência’; mas por que isto, exactamente, é certo? Não seria possível julgar imoralmente algo e estar certo quanto a isto? Por que que alguém se dispõe a escutar a voz da sua consciência? Segundo o filósofo, julgar imoralmente é uma possibilidade, ao passo que por trás da “voz da consciência” haveria, também, uma consciência intelectual, a qual poderia julgar a suposta “infalibilidade” e a “certeza” da ‘voz da consciência’ como errônea. Esta seria como que uma consciência por trás da “consciência”. Por trás de cada julgamento moral haveria um histórico de reacções instintivas a gostos, desgostos, experiências e falta de experiências. As perguntas fundamentais, portanto, seriam os modos de ‘como tal e tal julgamento teriam surgido na consciência’ e ‘o quê nos impulsiona a escutá-la’. Nietzsche anuncia vários modos de escutar-se a consciência e que haveriam muitos modos de escutá-la. Pensamos que a nossa consciência está certa acerca de uma acção moral, ou que sentimos que ela está certa porque, talvez, sempre disseram-nos desde a infância que ela é certa ou porque o dever de sua execução nos traz honras e recursos, de modo que ela seria uma condição de existência nossa.

A firmeza ou força moral de nossos julgamentos morais seriam, antes, mais como um sinal de teimosia ou inabilidade de ter novos ideais. A idéia de um imperativo categórico, ou seja, de um julgamento moral necessariamente não contraditório que seria universalizável, seria, segundo Nietzsche, um grande egoísmo: o que nos faz supor que todos devem julgar como moral aquilo que nós julgamos como moral? Um egoísmo cego que seria um obstáculo para que cada um tivesse um ideal somente para si e não para todos. Segundo o filósofo, qualquer um que continue julgando que

‘em certos casos todos teriam que julgar e agir assim e assado’ falha, portanto, em ter auto-conhecimento. Aqui chegamos ao ponto do aforismo que é crucial, os defensores da moralidade universal falham porque não reconhecem que:

...that there neither are nor can be actions that are the same: that every action that has ever been done was done in an altogether unique and irretrievable way, and that this will be equally true of every future action;¹⁷

Assim sendo, quem faz julgamentos morais universais falha em reconhecer que cada acção é uma acção discernível, que cada acção foi feita de modo único e irreparável e que isto será verdadeiro para cada acção futura; assim as regulações das acções captam apenas o que é superficial de cada acção. As regulações morais, portanto, só nos dão uma aparência de semelhança entre as acções e apenas isto; visto que cada acção é irredutível, impenetrável e desconhecida a nós. Embora nossas avaliações do que é ‘bom’, ‘nobre’ e ‘grandioso’ sejam muito importantes e influentes para as nossas acções, as leis do mecanismo de nossas avaliações sobre estes e outros valores permanecem indemonstradas, pois nenhuma acção pode ser exaurida por qualquer conceito, pois cada acção é única. O filósofo conclui, então, que deveríamos nos limitar a purificar nossas opiniões e avaliações e o ‘critério novo de nossa tabela do que é bom’: tonar-se quem se é, é dar-se novas leis, novas medidas, sermos novos, únicos e incomparáveis.

AFORISMO 354

17 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE GAY SCIENCE*. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK 1974, pg. 265.

“On the ‘genius of the species.’ - The problem of consciousness (more precisely of becoming conscious of something) confronts us only when we begin to comprehend how we could dispense with it; and now physiology and the history of animals place us at the beginning of such comprehension (it took them two centuries to catch up with Leibniz's suspicion which soared ahead) . For we could think, feel, will, and remember, and we could also ‘act’ in every sense of that word, and yet none of all this would have to ‘enter our consciousness’ (as one says metaphorically). The whole of life would be possible without, as it were, seeing itself in a mirror.”¹⁸

On the ‘genius of the species.’ O problema da consciência e de sermos conscientes daquilo que pensamos, sentimos, lembramo-nos e de qualquer “acção” que possamos executar, ou seja, de essas acções “entrarem em nossas consciências” é discutido aqui. Segundo Nietzsche a maioria de nossas “acções” e “actos” psíquicos não são reflectidos, tal como num espelho, e passam-nos como eventos superficiais. Qual seria, então, o propósito da consciência?

A resposta dele parece envolver uma observação de que a força e subtileza das consciências são proporcionais à ‘capacidade de comunicação’ e que esta capacidade por sua vez seria proporcional à ‘necessidade de comunicação’. Ele faz a ressalva de que isto não quer dizer que um indivíduo que é exímio na arte de se comunicar é também muito necessitado e dependente de outros indivíduos em suas necessidades. Considerando cadeias de gerações e raças inteiras, no entanto, parece ser o caso que quanto maior é o sofrimento e a necessidade, os homens tendem a desenvolver com força e subtileza,

18 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE GAY SCIENCE*. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK 1974, pg. 297.

em longos períodos, esta arte comunicativa, para que então herdeiros nascidos tardiamente esbanjem-na e desperdicem-na, tais como escritores, oradores, pregadores.

Nietzsche então faz uma suposição baseada nesta observação inicial de que ‘a consciência apenas se desenvolveu sob pressão da necessidade por comunicação’; assim a consciência desde o início foi prevaemente apenas entre os humanos, tal como entre aqueles que mandavam e aqueles que obedeciam. A consciência, segundo ele, só se desenvolveu em proporção a essa utilidade. Ele define consciência apenas como uma ‘rede de comunicação’, um homem que vivesse como uma besta selvagem isolada não a desenvolveria e não teria nenhum uso dela. Como o homem é um animal vulnerável e fraco em termos físicos, ele precisava comunicar aos seus companheiros e pares o que ele necessitava, o que sentia, o que pensava, o que sofria e precisava ser compreendido nesses aspectos: por isso os homens necessitaram desta “consciência”. Embora os homens estejam continuamente pensando, eles em geral não se apercebem disto: e a parte que sobe na forma de pensamento consciente é a parte mais superficial e tosca de todo pensamento, ela se dá na forma de símbolos de comunicação ou palavras. O seres humanos que inventam símbolos para comunicarem-se cada vez mais são aqueles que se tornam cada vez mais conscientes de si mesmos, tarefa que os homens ainda estão continuamente a executar. O homem adquiriu autoconsciência apenas como um animal social e, portanto, a consciência desenvolve-se para a comunicação no rebanho, nas massas, e não para fins individuais ou de existência particular. A tarefa de ‘conhecer a nós mesmos’ é uma tarefa impossível, pois o que nós poderíamos saber de nós mesmos dá-se apenas na forma conceptual e, portanto, não descreve nenhum conhecimento particular e individual, isto porque conceitos operam com categorias e suas essências lógicas e não com particulares. Nossos pensamentos são, no entanto, continuamente governados pela consciência, apesar de que:

*Fundamentally, all our actions are altogether incomparably personal, unique, and infinitely individual; there is no doubt of that.*¹⁹

Apesar de nossas acções serem únicas e individuais o que é traduzido à consciência é a perspectiva de rebanho: o mundo que nós podemos conhecer é apenas um mundo simbólico, superficial. É exactamente por esta razão que o filósofo despreza a consciência, por ela simplificar, reduzir, generalizar tudo como se fosse um ‘símbolo de rebanho’. Ironicamente, são justamente os homens mais conscientes entre os Europeus que sabem, por esta mesma razão, que a tendência a tornar-se consciente é uma doença.

Assim sendo, em termos do Princípio da Identidade dos Indiscerníveis, ‘acções’ para Nietzsche são todas elas discerníveis e individuadas, incomparavelmente únicas e a consciência, que é uma ‘rede comunicativa’ entre animais, falsifica os dados captados de cada experiência activa em símbolos, palavras e conceitos. Tudo o que sabemos é apenas um artifício útil em nome dos interesses da espécie, do rebanho humano.

3.4. ALÉM DO BEM E DO MAL

Resolvi analisar um aforismo desta obra, a saber, o aforismo trinta e seis. Este aforismo lida com uma especulação de Nietzsche na qual ele levanta a hipótese de que todos os instintos, todos os afectos, todas as funções orgânicas e mesmo todo o mundo material inorgânico e mecânico poderiam

19 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE GAY SCIENCE*. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK 1974, pg. 299.

ser explicados com seu conceito de vontade de poder. A vontade de poder seria então uma espécie de causa excepcional - isso se fossemos depositar crença em qualquer tipo de causa - para todos os eventos mundanos, uma espécie de causa primeira ou a origem eficiente de todo os movimento observável.

AFORISMO 36

“Suppose nothing else were “given” as real except our world of desires and passions, and we could not get down, or up, to any other “reality” besides the reality of our drives - for thinking is merely a relation of these drives to each other: is it not permitted to make the experiment and to ask the question whether this given would not be sufficient for also understanding on the basis of this kind of thing the so-called mechanistic (or “material”) world?”²⁰

Nietzsche propõe a seus leitores neste aforismo a hipótese seguinte: poderíamos supor que nada nos seria ‘dado’ como real excepto nossos desejos e paixões; a única realidade seria esta realidade de paixões e desejos, tal como se o pensamento se reduzisse a relações entre um impulso e outro. O filósofo então lança a pergunta, como se fosse um experimento, se seria possível compreender o mundo mecânico-físico (material) segundo este ‘dado’; este dado não seria apenas uma “mera aparência”, engano, idéia ou representação (na concepção dos filósofos Berkeley e Schopenhauer). Este dado seria uma espécie de pré-forma de vida, instintiva, desde os processos orgânicos, como assimilação, excreção e metabolismo até o nível dos afectos.

20 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *BEYOND GOOD AND EVIL*. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK, 1966, *Translated by* Walter Kaufmann, pg. 47.

Continuando o experimento perguntaríamos se na busca por qualquer tipo de causalidade se esta realidade, ou seja, este ‘dado’ em que o real são nossos desejos e paixões, seria a causa inicial. Esta causa seria, então, a ‘vontade’, se e somente se depositássemos a crença que há tal coisa como causalidade e que esta vontade é eficiente. Segundo o filósofo, no entanto, vontade só afecta vontade e não matéria, como nervos, ou músculos, assim teríamos que nos perguntar também acerca da hipótese de quaisquer que fossem os “efeitos” percebidos na realidade, se eles não seriam causados pela ‘força de vontade’ ou seriam ‘efeitos de vontade’ de algum indivíduo, outro organismo ou coisa.

A última suposição seria então a ‘vontade de poder’ que daria cabo de explicar toda a nossa vida instintiva, isso se pudéssemos explicá-la segundo este princípio causal. Esta causa daria boas explicações inclusive para todas as funções orgânicas de todos os organismos, como reprodução e nutrição e o filósofo arrisca que ela poderia ser usada para a compreensão de toda força eficiente. Nietzsche é um autor escorregadio que a todos os instantes está considerando hipóteses e não parece se agarrar a nenhuma certeza definitiva - como a idéia de causa, ou causalidade -: mas aqui podemos ter uma idéia desta possibilidade, a ‘vontade de poder’ como origem de todas as causas ou causa primeira.

3.5. CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS

Nesta obra encontrei um aforismo, a saber, o aforismo cinco e penso que é pertinente ele ser analisado neste trabalho. Neste aforismo Nietzsche discorre sobre as supostas ilusões atribuídas pela humanidade à mudança e ao devir; as tradições filosóficas até então sempre consideraram alteração como uma espécie de corrupção de uma essência, natureza ou realidade; segundo o filósofo, isto é um tremendo engano e necessário erro. Como as categorias e hipostasias da linguagem, ou seja, as

categorias e hipostasiações da razão não são deriváveis do mundo empírico e natural ou da experiência, filósofos da Grécia Antiga tal como da Índia Antiga cometeram o mesmo erro de suporem que possuímos origens divinas; portanto, o filósofo pensa que a linguagem é a origem de todas as ilusões.

AFORISMO 5

“Finally, let us contrast this with the very different way that we (- I say 'we' to be polite) treat the problem of error and illusory appearances. People used to consider change, alteration, and becoming in general as proof that appearances were illusory, as a sign that something must be misleading us. These days, on the other hand, we see ourselves mired in error; drawn necessarily into error, precisely to the extent that the prejudice of reason forces us to make use of unity, identity, permanence, substance, cause, objectification, being; we have checked this through rigorously and are sure that this is where the error lies. This is no different than the movement of the sun, where our eye is a constant advocate for error, here it is language.”²¹

Entre alguns tópicos desta secção deste livro estão as considerações de Nietzsche acerca de ‘erro’, ‘aparências ilusórias’, de como que a razão filosófica debruçou-se sobre questões como mudança, alteração, devir e vir-a-ser. Segundo ele, enquanto a tradição filosófica atacava a idéia de mudança, alteração, devir como a origem do erro ou das ilusões, nós estaríamos em erro, levados

21 NIETZSCHE, FRIEDRICH. **THE ANTI-CHRIST, ECCE HOMO, TWILIGHT OF THE IDOLS, AND OTHER WRITINGS**. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, FIRST PUBLISHED 2005, FOURTH PRINTING 2007, pg. 169. Translated by JUDITH NORMAN.

necessariamente ao engano, porque a razão e o uso da razão compele-nos a usar a idéia de ‘unidade’, ‘identidade’, ‘permanência’, ‘substância’, ‘causa’, ‘objetivação’, ‘ser’. Ele argumenta que a origem disto, como já vimos em outros aforismos, está na linguagem: a linguagem é o arcabouço fundante das pressuposições da metafísica, em outras palavras, os pressupostos da metafísica da linguagem são os pressupostos da razão. A linguagem parece acusar para todos os lados ‘fazedores’ e ‘feitos’, em outros termos, agentes e actos; e a linguagem também parece acusar a vontade dos organismos de ter o poder de ‘causação eficiente’ (aqui Nietzsche não considera a hipótese da vontade de poder como visto no aforismo 36 de ABM). A linguagem também é a origem da crença no ‘Eu’, no ‘Eu’ como ser, como substância e projecta para todos os fenômenos esta coisidade, esta substancialidade do ‘Eu’, criando o conceito de ‘coisa’. Segundo o filósofo, o conceito de ‘ser’ só é derivado do conceito do ‘Eu’ e tudo passa a ser interpretado como uma entidade ou ser participante de categorias apenas como uma derivação do conceito de ‘Eu’. Ele afirma que a idéia de a ‘vontade’ ter sido interpretada como uma ‘coisa’ possuidora de ‘causação eficiente’ foi um desastre primitivo com origem na linguagem, pois para ele isto é apenas um preconceito moral derivado da linguagem.

Muito mais tarde os filósofos vieram a conceber ou tornaram-se conscientes de uma suposta “certeza”, com uma *garantia* subjectiva no modo como as categorias eram interpretadas e usadas pela razão: não seria possível que elas tivessem surgido do mundo empírico. De onde elas teriam vindo, segundo estes filósofos, seria de origem divina, ou de um mundo mais elevado que este: que nós teríamos tido uma origem divina para podermos compreendê-las, ou que viemos de um mundo mais elevado que este. Tal erro, segundo Nietzsche, originou-se na Grécia antiga tal como na Índia antiga. Porque estes filósofos afirmavam que nós éramos dotados da razão, nós teríamos que ter sido divinos. ‘Ser’, como formulado pelos eleáticos, não poderia estar mais longe da realidade ou de persuasão ingênua e, ainda assim, convenceu mesmo seus adversários, tal como Demócrito com sua invenção do

átomo, justamente porque cada sentença na linguagem pressupõe todas as hipostasiações metafísicas da linguagem. Novamente aqui Nietzsche ressalva que mesmo a crença em ‘Deus’ permanece forte nos grilhões da linguagem e é a linguagem que é a origem de todas as grandes ilusões.

3.6. A VONTADE DE PODER

Esta é a obra na qual mais me baseei para responder as perguntas fundamentais que são feitas por mim neste projecto. Foram treze aforismos no total e embora vários comentadores de Nietzsche desconsiderem a VP por ser uma obra póstuma não planejada por ele, penso que muitos pensamentos dela são cruciais para qualquer análise da proto-ontologia nietzschiana, assim como sua crítica à linguagem e à lógica que ele conhecia.

O primeiro aforismo da VP analisado é o quatrocentos e noventa e nove no qual o filósofo discorre sobre a natureza do pensamento humano como uma mutilação da realidade, na qual conceitos não se referem à realidade mesma ou a quaisquer eventos - de modo mnemônicamente verdadeiro -. Conceitos são um recorte ficcional de eventos e fenômenos; somente depois de deletar as diferenças entre as coisas é que as equações conceituais entre eventos diferentes são possíveis. O segundo aforismo tratado - que é o quinhentos e doze - lida com o conceito que Nietzsche chama de ‘caso idêntico’, que para ele é sempre a suposição absolutamente necessária da lógica para que esta seja possível. Caso idêntico aqui significa sempre conceitos que equacionam um grupo finito de eventos que diferem entre si em uma mesma categoria, como se fossem uma substância. Assim, segundo ele, a lógica não surge da ‘vontade de verdade’, de uma vontade de descrever a realidade de cada evento, mas de criar ficções de modo que o mundo se torne calculável e inteligível para nós. O terceiro

aforismo tratado - que é o quinhentos e quinze - teoriza que os homens não criaram a lógica, a razão e as categorias para conhecer o mundo, mas para esquematizá-lo, calculá-lo, torná-lo útil e inteligível a nós. Impor o máximo de regularidade e forma sobre o caos das sensações e imensa variabilidade fenomenal é, portanto, necessário; porque estamos tão imersos nesta rede de ilusões conceituais não contradizer nossas categorias e conceitos torna-se uma compulsão subjectiva. O quarto aforismo tratado - que é o quinhentos e dezesseis - lida como o princípio da não-contradição, no qual Nietzsche evoca Aristóteles. Ele desenvolve uma crítica, classificando o princípio como empírico subjectivo, afirmando, antes, que o princípio cobra-nos o 'dever' de não contradizermos duas sentenças sobre a mesma referência ao invés de que não 'possamos' contradizer duas sentenças sobre a mesma referência. O quinto aforismo - que é o quinhentos e dezessete - fala sobre necessidade da criação de hipostases para que o desenvolvimento da razão seja possível: dar regularidade e forma às sensações caóticas é o método de atingir-se a verdade. Neste aforismo o filósofo chega a contrapor ao ponto de exclusão o 'conhecimento' e o 'devir': o mundo em seu estado bruto e natural é informulável, nossos conceitos e categorias não o compreendem; portanto, temos que criar hipostases como 'ser', 'coisa', 'sujeito', 'objecto', 'atributo', para então os projectar no mundo, de modo que este torne-se inteligível. O sexto aforismo - que é o quinhentos e vinte - parece recordar o aforismo dezenove de HH; neste aforismo Nietzsche diz que mesmo o número dos indivíduos ou o número dos seres está em fluxo e, portanto, se fôssemos verossímeis com os eventos, proibiríamos a nós mesmos de falarmos de indivíduos ou de espécie. Segundo o filósofo, não saberíamos nada sobre movimento se não abstraíssemos antes a idéia de repouso e aquilo que parece estar em repouso. Assim também discorre sua crítica sobre causa e efeito e a idéia de espaço; novamente há uma crítica ao princípio da identidade, este é apenas uma suposição preconceituosa acerca dos eventos do mundo que, segundo Nietzsche, são continuamente transitórios. Para termos algum conhecimento - e a natureza do conhecimento para Nietzsche é sempre imperfeita - temos antes que criar um mundo conceptual para

interpretarmos este mundo e isto somente quando nossa conceitografia preserva minimamente a vida. O sétimo aforismo - que é o quinhentos e vinte e um - discorre sobre as falsas idéias de espécie, lei, forma; segundo o filósofo, espécie é um preconceito que categoriza em um tempo semelhante diferentes criaturas, ignorando os crescimentos e mudanças individuais e equacionando-as por elas se assemelharem entre si. Portanto, quando categorizamos criaturas em uma espécie, supomos que a evolução tem um fim, uma unidade essencial não diferenciada. O mesmo se dá com a forma, tudo o que nos surge é novo, não importando que evento seja, toda forma é nova; e apesar de que classificamos a nova forma segunda a velha forma, isto é apenas um preconceito. Segundo Nietzsche, nenhum evento na natureza obedece leis, eventos não são obedientes à medidas universais; portanto, se espécie, lei e forma são preconceitos, o que nos faz supor que o mundo é lógico? Porque nós o fazemos parecer, segundo os nossos esquemas, categorias e conceitos, embora o mundo não tenha nada de lógico. O oitavo aforismo - que é o quinhentos e trinta e um - desenvolve uma crítica sobre julgamentos; julgamentos são, segundo o filósofo, o tipo de crença mais antiga que possuímos, a crença de afirmar-se ou negar-se algo de algo, de modo que aqui sua crítica recai sobre os conceitos de atributos e efeitos. Quando julgamos o efeito ou a o atributo de algum evento, supomos erroneamente que o efeito está separado do evento e que por trás do efeito há um agente o qual tratamos como um sujeito. Este é, segundo Nietzsche, o duplo erro interpretativo que cometemos segundo os esquemas de nossa gramática e lógica. O nono aforismo trabalhado - que é o quinhentos e trinta e dois - defende que julgamentos podem ser definidos com a seguinte proposição: ‘isto e aquilo são isso’; julgamentos são, portanto, o aval de ter-se encontrado um caso idêntico, tal como ‘ele e ela são humanos’. Segundo o filósofo, nossos intelectos e julgamentos funcionam não como se eles produzissem um caso idêntico, mas como se percebessem casos idênticos quando nos deparamos com eventos semelhantes, a pressuposição é que este é um mundo de casos idênticos existentes. Nietzsche então especula que provavelmente existem funções orgânicas análogas em nossos cérebros para que sejam feitas as

identificações de diferentes casos idênticos. O décimo aforismo é o quinhentos e quarenta e quatro e nele Nietzsche trabalha sua especulação sobre a relação entre dissimulação e nível de poder e ranque das criaturas. A dissimulação parece ausente no mundo inorgânico, no qual poder versus poder é a norma; segundo o filósofo, no entanto, no mundo orgânico quanto maior é o poder de uma criatura, mais dissimulada ela será. A relação que estas observações especulativas têm a ver com a crítica da lógica se dá no aspecto de que o pensamento lógico, exactamente por ser sofisticado e abstrato, é falso perante a realidade. Homens com altos graus de consciência, que desenvolvem grandes e complexos conceitos são grandes dissimuladores, tal como se fossem actores dionisíacos. O aforismo décimo primeiro é o quinhentos e cinquenta e um e nele Nietzsche especula uma crítica contra as concepções de causalidade. Segundo o filósofo, porque criamos um sujeito para compreendermos um efeito de um movimento, tal como quando há uma tensão muscular que move um membro de nosso corpo, caímos em erro em supor que é a “nossa vontade” ou que somos nós esta causa. Segundo ele, não estamos em uma posição possível de prever efeitos simplesmente porque certos actos e efeitos seguem-se de certos movimentos, e que estes quais assemelham-se a actos passados. Os aforismos décimo segundo e décimo terceiro foram analisados conjuntamente porque possuem temas muito semelhantes; eles são de número quinhentos e cinquenta e sete e quinhentos e cinquenta e oito. O primeiro deles define que as propriedades de uma “coisa” são seus efeitos em outras coisas, logo, não haveriam coisas isoladas, tal como uma coisa-em-si. Continuando a crítica do anterior, o segundo fala que se forem retiradas todas as propriedades e actividades de uma coisa, não sobraria nada desta coisa; coisas foram por nós inventadas para que pudéssemos logicizar os eventos, a fim de defini-los conceptualmente e para comunicação.

AFORISMO 499 (1885)

““Thinking” in primitive conditions (pre-organic) is the crystallization of forms, as in the case of crystal. - In our thought, the essential feature is fitting new material into old schemas (= Procrustes' bed), making equal what is new.”²²

O “pensamento” é a formação de cristais, ou dir-se-ia o que viria antes dele num estado pré-orgânico como formações geológicas, sedimentos e cristalizações. O nosso pensamento, no entanto, funciona como o sequestrador e assassino Procrustes, que falsamente acolhia suas vítimas em uma cama na qual qualquer diferença de estatura era punida ou esticando-se o corpo até o limite da cama ou decepando-se o que ficasse para fora. Nosso pensamento adequa novos dados sensíveis, novos conteúdos a velhos esquemas, tornando igual aquilo que é novo; no entanto, o que é novo para Nietzsche é algo sempre discernível, único e experienciado como individuado, logo nossa cognição está constantemente a falsificar o mundo como ele apresenta-se a nós. Este é o procedimento ilógico, como já visto antes em SVM, no qual Nietzsche sempre recorre ao Princípio da Identidade dos Indiscerníveis para demonstrar e refutar.

ORIGIN OF REASON AND LOGIC

AFORISMO 512 (1885)

22 NIETZSCHE, FRIEDRICH. ***THE WILL TO POWER***. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK, Translated by Walter Kaufmann and R. J. Hollingdale, September 1968, pg. 273.

“Logic is bound to the condition: assume there are identical cases. In fact, to make possible logical thinking and inferences, this condition must first be treated fictitiously as fulfilled.”²³

No que concerne à lógica, Nietzsche fala quase que obsessivamente dos ‘casos idênticos’, para ele casos idênticos são a pressuposição e condição essencial da lógica que ele conheceu. Casos idênticos aqui refere-se a fenômenos e eventos que diferem em número ou em quantidade, que são contados, mas são idênticos entre si. A lógica parece assumir a existência de casos idênticos para fazer inferências e tornar possível o pensamento lógico e, portanto, falsifica todos os eventos:

“the will to logical truth can be carried through only after a fundamental falsification of all events is assumed.”²⁴

Assim sendo, o impulso que leva os lógicos para verdades lógicas não surge da correcta descrição dos eventos e fenômenos ao nosso redor e, portanto, a verdade na lógica não surge da ‘vontade de verdade’. A razão disto é porque é assumido, antes, a falsificação de todos os eventos como se houvessem categorias de substâncias na realidade, ou seja, que mais de um evento ou fenômeno são iguais entre si. Para Nietzsche tudo o que há no mundo são eventos discerníveis, individuados, únicos, portanto, a ‘vontade de verdade’ é a correcta diferenciação de cada ‘X’ na realidade. Não obstante, uma descrição subjectiva e - talvez - objectiva de todos os fenômenos nos

23 NIETZSCHE, FRIEDRICH. **THE WILL TO POWER**. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK, Translated by Walter Kaufmann and R. J. Hollingdale, September 1968, pg. 277.

24 NIETZSCHE, FRIEDRICH. **THE WILL TO POWER**. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 277.

seus menores detalhes criaria uma linguagem de escopo quase infinito e impraticável para qualquer humano e não haveriam inferências categóricas, mas um nominalismo absoluto. Não seriam possíveis deduções, porque nenhum evento, fenômeno seria “coisificável”: eu não poderia concluir ou inferir no seguinte silogismo que ‘se todos os humanos são mortais’ e ‘Sócrates é humano’, que ‘Sócrates é mortal’. Cada ser orgânico que fosse perecível, pereceria de modo único, cada morte seria um tipo de evento diferente, cada vida como uma vida única e de maneira individuada; se cada “propriedade” fosse única e individuada e assim por diante, a lógica não seria uma ciência que manifesta qualquer verdade acerca da realidade *in stricto sensu*, mas seria uma interpretação artificial da realidade a *coisificá-la*.

Poder-se-ia perguntar a estes raciocínios que se Nietzsche defende que o mundo está em constante estado de fluxo, como seria possível que cada evento na realidade fosse considerado como único, individuado e discernível? Ora, para que algo seja percebido como individuado e um discernível, basta que este algo possua, em algum aspecto intrínseco de sua natureza, uma diferença perceptível ou mensurável em sua constituição com outro fenômeno semelhante. Consideremos uma cesta de maçãs e busquemos por diferenças em termos de suas idades e o quanto maduras cada uma delas estão; sabemos que cada uma delas surgiu neste mundo em tempos diferentes; cada uma delas terão tipos de textura, cor ou coloração, massa e peso, densidade diferentes. Apesar disto tudo, nada impede que cada uma delas esteja se alterando intrinsecamente a cada momento que passa. Depois de certo tempo, uma predição plausível seria que cada uma delas viesse a apodrecer também em tempos diferentes e viriam a decompor-se. Portanto, a idéia de eventos em estado de fluxo, de “propriedades” ou constituições que se alteram ao longo do tempo, não contradizem a unicidade ou discernibilidade de cada evento nesta realidade.

AFORISMO 515 (Março-Junho de 1888)

“Not “to know” but to schematize - to impose upon chaos as much regularity and form as our practical needs require. In the formation of reason, logic, the categories, it was need that was authoritative: the need, not to “know,” but to subsume, to schematize, for the purpose of intelligibility and calculation - (The development of reason is adjustment, invention, with the aim of making similar, equal - the same process that every sense impression goes through!)”²⁵

Para Nietzsche a essência dos processos cognitivos dos homens não é conhecer o mundo e seus eventos *per se*, mas consiste em subsumi-los, esquematizá-los, classificá-los e de impor o máximo de regularidade e forma ao caos das percepções e fluxo de mudanças que ocorre a nossa volta e por toda parte com o propósito de inteligibilidade e calculabilidade. Tal como em SVM, aqui ele pensa que a razão desenvolve-se somente quando passamos a ver os eventos de maneira tosca e rude, fazemo-los uns iguais a outros - sem uma idéia pré-existente -, sem minuciosas observações acerca de cada um de seus detalhes e mudanças, somente para que eles sejam-nos úteis e calculáveis. Ele pensa que este é o mesmo processo do qual são assimiladas novas impressões dos sentidos, tal como em SVM. Assim sendo, as categorias são-nos verdadeiras porque são condições de vida para nós, são-nos úteis, tal como o espaço euclidiano, que não possui nenhuma necessidade de ser considerado como absolutamente verdadeiro. Segundo ele, o espaço euclidiano pode ser apenas uma idiossincrasia da humanidade e apenas um modo de interpretar o espaço da realidade.

²⁵ NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE WILL TO POWER*. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 278.

Não contradizer as categorias torna-se, então, uma compulsão subjectiva e biológica: porque as nossas categorias e conceitos são-nos úteis e permitem-nos calculabilidade e segurança frente a natureza, nós supomos que não *devemos* contradizê-los, pois nós quase somos esta ilusão, este instinto. No entanto, as nossas afirmações deles não passam de uma mera incapacidade de não quisermos contradizê-los, e não porque eles são, de facto, verdadeiros-em-si.

AFORISMO 516 (Primavera-outono de 1887; revisado primavera-outono de 1888)

*“If, according to Aristotle, the law of contradiction is the most certain of all principles, if it is the ultimate and most basic, upon which every demonstrative proof rests, if the principle of every axiom lies in it; then one should consider all the more rigorously what presuppositions already lie at the bottom of it. Either it asserts something about actuality, about being, as if one already knew this from another source; that is, as if opposite attributes could not be ascribed to it. Or the proposition means: opposite attributes **should** not be ascribed to it.”²⁶*

Segundo Nietzsche o princípio lógico da não-contradição é uma lei empírico-subjectiva e não expressa nenhuma necessidade, mas apenas nossa inabilidade em contradizer atributos da mesma coisa ou nossa incapacidade de dizer proposições contrárias sobre a mesma referência. Segundo ele, nós precisamos considerar as pressuposições do porque Aristóteles considerou este princípio como o mais fundamental e básico de todos os princípios; segundo ele, todos os outros axiomas e princípios dependem deste princípio, assim como qualquer demonstração. A proposição do princípio é

26 NIETZSCHE, FRIEDRICH. **THE WILL TO POWER**. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 279.

interpretada de dois modos por Nietzsche: ela afirma algo sobre a actualidade ou o ser de algo, como se soubéssemos algo sobre o ser disso ou daquilo, ou seja, ‘*que não se pode atribuir atributos opostos a algo*’, ou então ‘*que não se **deve** atribuir atributos opostos a algo*’.

Segundo o filósofo, uma pergunta vem a calhar: os axiomas da lógica são apropriados à realidade, ou não seríamos, antes, nós que os utilizamos para *criar* uma realidade para nós mesmos? A afirmação da primeira necessitaria de um conhecimento prévio do ‘ser’ de algo, o que não é o caso; portanto, a proposição contém um imperativo do que ‘deve’ ser considerado verdade sobre algo, mas não contém um critério de verdade. Nietzsche lança, então, a suposição de que não haveriam “A’s” auto-idênticos, tal como a lógica clássica e a aritmética padrão concebem, portanto, a lógica teria um mundo meramente aparente como condição. Nós acreditamos que não há “A’s” auto-idênticos quando somos o tempo inteiro bombardeados com o influxo de novas sensações que continuamente confirmam a impermanência dos eventos e fenômenos. A “coisa” é o substrato dos “A’s” da lógica e nossa crença em “coisas” é a condição prévia de nossas crenças na lógica. Assim sendo, se passamos a crer que a lógica é um bom ‘critério de verdade’ para o mundo, passaríamos a crer em todo tipo de hipóstases conseqüentes como: substância, atributo, sujeito, objecto, acção, etc., creríamos num mundo metafísico, num mundo real que não passaria, não obstante, de um mundo aparente interpretado metafisicamente.

Considerar um atributo de algo como verdadeiro ou falso, afirmar ou negar - e não poder fazê-los ao mesmo tempo -, segundo o filósofo, são antes um direito em ter-se um verdadeiro conhecimento sobre as coisas, como se os julgamentos da lógica revelassem verdades-em-si-mesmas sobre o mundo. Segundo ele é um preconceito sensível subjectivo de que sensações opostas não podem ser atribuídas aos mesmos fenômenos, tal como afirmar que algo é duro e macio ao mesmo tempo. Poder-se-ia considerar circunstâncias diferentes sobre o “mesmo” fenômeno: ao cairmos de dez metros de altura

sobre um corpo profundo d'água, podemos nos ferir como se batêssemos em algo duro, mas ao tocarmos ela próximo da superfície, ela parece macia e fluída; estes são julgamentos subjectivos. Assim sendo, a proibição conceptual em contradizer-se é uma tentativa em conceber-se o mundo como formulável e calculável para nós, como se nossos conceitos pudessem compreender e designar as essências das coisas no mundo, embora os fenômenos sejam impermanentes, não auto-idênticos e não seja absolutamente impossível predicar-se atributos contraditórios da “mesma” coisa.

AFORISMO 517 (Primavera-Outono 1887)

“In order to think and infer it is necessary to assume beings: logic handles only formulas for what remains the same. That is why this assumption would not be proof of reality: "beings" are part of our perspective. The "ego" as a being (- not affected by becoming and development).”²⁷

²⁷ NIETZSCHE, FRIEDRICH. **THE WILL TO POWER**. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 280.

A lógica parece lidar apenas com aquilo que permanece o mesmo ou é auto-idêntico, portanto, as hipostasiações, o assumir e a criação de ‘coisas’, ‘seres’, ‘substâncias’ e ‘categorias’ é uma consequência “natural” de sua semântica; o ‘ego’ como um ser é apenas um exemplo, como um caroço pessoal que permanecesse o mesmo. No entanto, segundo este aforismo, é justamente por isso que estas suposições hipostáticas não são prova nenhuma da realidade, pois segundo o filósofo nada permanece o mesmo.

Tendo dito isto, para realizarmos inferências, as ficcionalidades como ‘sujeito’, ‘substância’, são necessárias: nos seres humanos parece ser natural, como uma espécie de poder, simplificar, falsificar e distinguir artificialmente: reinar sobre o caos das sensações é o método de se atingir a verdade. Para atingir e ter-se a verdade, mesmo a verdade sobre as coisas em si mesmas, verdades-em-si-mesmas, é necessário organizar os fenômenos em categorias mui bem definidas.

Estas suposições de coisas e seres são necessárias porque o estado de vir-a-ser do mundo é in formulável, falso e contraditório à lógica, pelo menos contraditório segundo uma semântica “realista” que a lógica clássica pressupõe. Se a natureza de cada fenômeno não permanece a mesma em todos os instantes, ou enquanto dura ou sincronicamente, então, como já dito acima, nem sequer silogismos são possíveis. Assim sendo, o conhecimento é estranho ou contrário ao devir, de modo que Nietzsche chega ao ponto de dizer que eles se auto-excluem. Apesar disto, se o conhecimento é contrário ao devir, tem de haver algum outro devir, talvez de natureza psicológica ou fenomenológica, ou seja, uma vontade que torne possível a consciência do conhecimento, o conhecível, que crie o engano dos seres, das coisas e categorias.

AFORISMO 520 (1885)

*“Continual transition forbids us to speak of "individuals," etc; the "number" of beings is itself in flux. We would know nothing of time and motion if we did not, in a coarse fashion, believe we see what is at "rest" beside what is in motion. The same applies to cause and effect, and without the erroneous conception of "empty space" we should certainly not have acquired the conception of space. The principle of identity has behind it the "apparent fact" of things that are the same.”*²⁸

Os fenômenos são constantemente impermanentes e transitórios a tal ponto que o filósofo diz estarmos proibidos de falar de ‘indivíduos’ ou do “número” dos seres, visto que, como é sabido em Nietzsche desde pelo menos HH, a lei dos números ou regras axiomáticas aritméticas supõem haver coisas idênticas entre fenômenos diferentes. A idéia de que coisas são contáveis supõe que o mesmo caso ocorra várias e várias vezes e que cada um desses casos permaneça o mesmo; mas se tudo no mundo é constantemente transitório, então a contabilidade dos fenômenos é apenas uma ficcionalidade útil. As nossas crenças naquilo que parece estar em “repouso” é o que nos permitiu ter algum conhecimento sobre movimento e tempo e, ainda assim, porque os fenômenos são todos transitórios, o cálculo mecânico do movimento é realizado ficcionalmente como movimentos de estados estáticos, imagens em diferentes pontos no espaço. A mesma crítica, segundo o filósofo vale para a dicotomia entre causa e efeito e a idéia de espaço derivou-se da idéia ficcional e errônea de “espaço vazio”. Segundo o filósofo o “Princípio da Identidade” sustenta um “facto aparente” de que as coisas são as mesmas coisas tanto ao longo do tempo, quanto sincronicamente, ou seja, para ele a idéia de que fenômenos são auto-idênticos é apenas um preconceito e aparência perante a transitoriedade dos

28 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE WILL TO POWER*. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 281.

fenômenos. Novamente aqui, Nietzsche sustenta a tese que um mundo de vir-a-ser e transitório do devir nunca poderia ser objecto do conhecimento, nunca poderia ser compreendido por indivíduos com uma gramática conceptual. Apenas depois que um intelecto conhecedor, uma perspectiva, fabricou o mundo, de maneira rude, através de conceitos e categorias e na medida que este mundo artificial preservou a vida, poderia haver tal coisa como conhecimento. Tal como em uma comunidade de falantes que regula e corrige constantemente erros passados por novas ficcionalidades e novos erros, erros que talvez sejam mais precisos e verossímeis com as aparências do que as formulações e concepções passadas.

AFORISMO 521 (Primavera-Outono de 1887)

“On “logical semblance” - The concepts “individual” and “species” equally false and merely apparent. “Species” expresses only the fact that an abundance of similar creatures appear at the same time and that the tempo of their further growth and change is for a long time slowed down, so actual small continuations and increases are not very much noticed (-a phase of evolution in which the evolution is not visible, so an equilibrium seems to have been attained, making possible the false notion that a goal has been attained - and that evolution has a goal-).”²⁹

On “logical semblance”. O conceito de indivíduo e espécie estão intimamente ligados, segundo Nietzsche, sobre o aparente facto que criaturas semelhantes agrupam-se num tempo semelhante e que

29 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE WILL TO POWER*. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 282.

as mudanças que ocorrem nessas criaturas num pequeno período não são notadas ou avaliadas. Assim forma-se o conceito de espécie como se as diferenças entre cada criatura fossem irrisórias, que haveriam indivíduos pertencentes àquela espécie, como se se esquecessem as contínuas mudanças únicas de cada organismo, como se um equilíbrio fosse atingido dentro da evolução, como se a evolução possuísse um fim.

Segundo ele, tudo aquilo que surge a nós é algo sempre novo, sempre uma nova forma, portanto, as formas categóricas as quais reconhecemos nos fenômenos não passam de meras invenções, tal como maçãs ou mesas. Nós estamos continuamente comparando o novo com o velho na medida em que são semelhantes entre si, de modo que possam ser igualados posteriormente, para que sejam classificados segundo a mesma forma. Ele afirma que nenhum evento é obediente a nada, de tal modo que forma, espécie, idéia, lei, propósito são o adicionamento de uma falsa realidade para uma ficção; as distinções que fazemos entre ‘o que age’ e ‘a que o acto é direccionado’ não passam, igualmente, de artificialidades. Esses processos da razão são antes uma compulsão, uma compulsão subjectiva em subsumir-se sensações em esquemas que nos garantam a verdade. A construção de um “mundo de casos idênticos” não deveria ser compreendido por nós, segundo ele, como um modo de corrigir-se o “mundo real”, mas para torná-lo compreensível, calculável, útil para nós. A nossa compulsão subjectiva em acreditarmos na lógica deu-se muito antes de ela entrar em nossas consciências: nós introduzimos seus princípios e postulados nos eventos (como o Princípio da Identidade) e pensamos que não podemos enxergá-los de outro modo depois disto. Fomos nós, no entanto, que inventamos a ‘coisa’, a ‘coisa idêntica’, o ‘sujeito’, o ‘atributo’, a ‘actividade’, o ‘objecto’, a ‘substância’, a ‘forma’, no processo de fazê-las idênticas e elas não possuem nenhuma correspondência com a realidade. Segundo ele, o mundo não tem nada de lógico, mas nós pensamos o contrário, em geral, porque criamos um mundo conceptual e lógico a partir de um caos de sensações.

- 7. Judgment. True-False -

AFORISMO 531 (1885-1886)

*“Judgment is our oldest belief, our most habitual holding-true or holding-untrue, an assertion or denial, a certainty that something is thus and not otherwise, a belief that here we really “know” – what is it that is believed true in all judgments?”*³⁰

Nós acreditamos em julgamentos desde tempos imemoriais: acreditamos em proposições que afirmam ou negam algo de algo, que declaram que isto ou aquilo é falso ou verdadeiro. Nietzsche pergunta, então, o que haveria de universal em todos os julgamentos? Sua invectiva recai sobre os conceitos de atributos e efeitos; para nós as mudanças que nos ocorrem são apenas perceptos ou dados sensíveis ‘em-si-mesmos’ e não mudanças: essas mudanças não são vistas, no entanto, como eventos, mas como um ‘ser’, como “qualidades”. De um lado, nós consideramos e acreditamos que efeitos efetuam e pensamos como factual que deve haver uma entidade por trás do efeito. Nós inclusive pensamos isto a partir do momento em que estamos convencidos que mudanças que ocorrem em nós que não são de nossa autoria têm de ter uma origem; este preconceito deriva-se da seguinte proposição: ‘toda mudança tem um autor’. Agora, supor que aquilo que efetua está separado do efetuado, segundo o filósofo, é um erro.

30 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE WILL TO POWER*. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 288.

Se nós dissermos ‘o leão ruge’, ‘o fogo queima’, ‘o relâmpago brilha’ nós pensamos como factual primeiramente que essas coisas são actividades e depois criamos um sujeito, ou seja, um ‘ser’ por trás dos efeitos, um agente que não se torna o efeito, ou melhor, não vêm-a-ser o efeito ou a actividade. No entanto é claro que o relâmpago torna-se o brilho fulgurante nos céus, é claro que o rugido é parte do leão e que o calor intenso do fogo que queima é o fogo. Nós cometemos um duplo erro, segundo o filósofo, quando separamos o evento como o efeito de um agente e o agente como sujeito e ser em segundo lugar, um duplo erro interpretativo.

AFORISMO 532 (1885)

“Judgment - this is the belief: "This and that are so." Thus there is in every judgment the avowal of having encountered an "identical case": it therefore presupposes comparison with the aid of memory. The judgment does not produce the appearance of an identical case. Rather it believes it perceives one: it works under the presupposition that identical cases exist.”³¹

Um julgamento é genericamente definido na seguinte proposição: ‘Isto e aquilo são isso’; tal como, por exemplo, ‘Mônica e Arthur são seres humanos’, ou ‘um e dois são numerais’: assim sendo, em todo julgamento que fazemos nós afirmamos termos encontrado o que Nietzsche chama de “um caso idêntico”. Nós fazemos isso comparando diferentes eventos e fenômenos com a ajuda da memória na suposição que nossos julgamentos não estão a gerar casos idênticos, mas simplesmente acreditamos que casos idênticos existem factualmente. Isso se dá independentemente de os eventos e fenômenos

31 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE WILL TO POWER*. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 289.

com os quais entramos em contacto com sejam diferentes entre si e discerníveis. O filósofo, então, pergunta-se quais seriam as funções que tornam eventos e fenômenos diferentes em casos idênticos, qual seria a função que torna diferentes sensações a mesma sensação e o que nos faz ‘aceitar’ diferentes sensações como as mesmas coisas. Segundo ele, os julgamentos e a própria memória não seriam possíveis se um tipo de equalização não ocorresse em nossas sensações: sem a familiaridade e a experiência de um evento não poderíamos julgá-lo se este não se parecesse semelhante com aquilo que já experienciamos. Assim sendo, o processo de assimilação, ou seja, de equalização e categorização deve ocorrer antes que qualquer julgamento seja feito: segundo as especulações dele, as funções de equalização, assimilação e categorização provavelmente devem ter funções orgânicas internas correspondentes. Esses eventos internos certamente não entram em nossas consciências; quando fazemos o clique interno de percebermos algo como idêntico, de maneira rude, com outro fenômeno, isso não é um processo reflexivo, dedutivo ou indutivo, nem comunicativo, mas uma assimilação que deleta as diferenças entre eventos semelhantes e subsume-os como iguais. Supormos que camelos, cães, e humanos são mamíferos são equações que fazemos utilitariamente, porque isto nos é e sempre foi vantajoso ou útil e, portanto, fazemo-las automaticamente em consequência de nossas evoluções como hominídeos.

AFORISMO 544 (1885-1887, revisado Primavera-Outono de 1888)

“Increase in "dissimulation" proportionate to the rising order of rank of creatures. It seems to be lacking in the inorganic world - power against power, quite crudely - cunning begins in the organic world; plants are already masters of it.”³²

32 NIETZSCHE, FRIEDRICH. **THE WILL TO POWER**. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF

Ao contrário do mundo inorgânico, do qual parece carecer de astúcia e no qual poder versus poder parece ser a norma - tal como o rolar de uma pedra morro abaixo ou um raio trovejante -, no mundo orgânico ela aparece e manifesta-se por toda a parte: mesmo plantas parecem ser exímias dissimuladoras, atraindo com odores, perfumes e coloridas flores com o intuito, por exemplo, de reproduzirem-se e não porque querem agradar observadores com sua graça. Segundo o filósofo, quanto maior for o ranque, ou seja, quanto maior for o poder de uma criatura, mais dissimulada ela será. Para o filósofo os maiores seres humanos são grandes dissimuladores, assim como raças inteiras, tais quais os Gregos - tal como Odisseu - e os Italianos - tal como Napoléon -. Nietzsche comenta neste aforismo Stendhal (Marie-Henrie Beyle) que em *Vie de Napoléon* escreve que para ele é quase um instinto supor que homens que detêm poder mintam enquanto falam e especialmente enquanto escrevem. Este parece ser, também, o caso de César para Nietzsche.

O que isto, no entanto, quer dizer em termos lógicos? Que o pensamento em suas formas lógicas de ser é mentiroso e errôneo perante a realidade: o filósofo chega ao ponto de dizer que o ‘erro’ é uma pré-condição do pensamento ele mesmo. O que seriam essas afirmações de erros, esta vontade em errar? Ora, a construção de ‘casos idênticos’ e da ‘aparência de mesmidade’; a pré-condição do pensamento, ou seja, aquilo ocorre antes de se pensar é a ‘invenção’: a invenção de casos idênticos é mais primitiva que o conhecimento de mesmidade entre os fenômenos e suas categorias. O homens superiores, segundo o filósofo, são criadores de conceitos como se fossem artistas, e a todo o tempo estão dissimulando, mentindo e actuando na realidade como se fossem actores dionisíacos.

8. AGAINST CAUSALISM

RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 292-293.

AFORISMO 551 (Março-Junho de 1888)

“Critique of the concept “cause.” - We have absolutely no experience of a cause; psychologically considered, we derive the entire concept from the subjective conviction that we are causes, namely, that the arm moves - But that is an error. We separate ourselves, the doers, from the deed, and we make use of this pattern everywhere - we seek a doer for every event. What is it we have done? We have misunderstood the feeling of strength, tension, resistance, a muscular feeling that is already the beginning of the act, as the cause, or we have taken the will to do this or that for a cause because the action follows upon it - cause, i.e., -”³³

Critique of the concept “cause.” Segundo Nietzsche, nós desconhecemos qualquer “causa”. Psicologicamente falando, nós derivamos o conceito inteiramente de uma convicção subjectiva de que nós mesmos somos a causa dos efeitos voluntários de nossos corpos, tal como quando movemos uma perna ou um braço, mas isto, segundo ele, é um erro. Nós separamos ficcionalmente o fazedor do acto e passamos a buscar por fazedores para todos os eventos, tal qual atribuímos os eventos voluntários de nossos corpos a nós mesmos. Nós interpretamos erroneamente as sensações de força, tensão muscular, resistência como causa, ou a nossa vontade como a origem, como a causa, apenas porque o acto segue-se disto.

Segundo ele, mesmo exemplos que parecem ser casos genuínos de uma causa são auto-enganos nossos porque nós projectamos de nós mesmos a idéia de causa. Nós ficcionalmente inventamos um

33 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE WILL TO POWER*. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 295.

sujeito para podermos compreender um evento e atribuímos a ele a origem do evento respectivo e como o evento ocorre. Ademais, todas as sensações que temos de responsabilidade, liberdade, de vontade são combinadas a este sujeito fazedor, supondo-o como uma causa. Assim sendo, ele conclui que os conceitos aristotélicos de *causa finalis* e *causa efficiens* são uma e a mesma coisa, porque o porquê de algo ser assim, ou melhor, para que fim isto é assim, está imbuído de nossa vontade, assim como compreendemos nossa vontade como a causa do movimento e causa eficiente que fez isto ou aquilo conforme ele é.

Aquilo com o que nós temos realmente contacto e do qual temos experiência de são os efeitos, as causas são construídas a partir de esquemas que fazemos dos efeitos; no entanto, tal como como alguns empiricistas como David Hume, Nietzsche diz que não estamos em uma posição tal que possamos prever qualquer coisa de qualquer coisa. Não é porque efeitos semelhantes parecem seguir-se de algo ou um acto que se assemelham com outra coisa ou acto que podemos prever eventos. Nós estamos constantemente buscando por ‘coisas’ para explicarmos a mudança de algo ou algum evento, mas somos nós que super-adicionamos ‘coisas’, ‘sujeito’, ‘vontade’ e ‘intenção’ ao conceito de ‘causa’ ou como a causa de algo.

Nietzsche é um autor escorregadio, ou seja, não parece preocupar-se em criar um sistema teórico acabado ou definitivo e, certamente, não tem nenhuma pretensão de ter certezas. Ele continua este aforismo com algumas proposições e críticas que possuem uma coerência apenas no aspecto de que ele mesmo parece não crer nas concepções de causa e efeito, mas dá definições do que seriam ‘coisas’ e como elas estão relacionadas a efeitos e o que são ‘causas’. Afinal, estas definições são úteis para compreendermos o que ele supõe serem somente ilusões. Enfim, ele interpreta o conceito de causalidade como algo completamente inútil, porque ‘coisas’ e átomos - que são sujeitos-coisas ficcionais - também não existem, são apenas modelos e conceitos inventados por nós. Uma sequência

necessária de estados fenomenais não indica nenhuma necessidade causal entre eles, pois seria o mesmo que fazer saltos eficientes entre um estado para o segundo, para o terceiro, e assim por diante. E é aqui que ele nega totalmente que há tal coisa como causa e efeito, visto que se não há tal coisa como causa, também não existem efeitos. Nós não conseguimos, não obstante, livrar-nos desses conceitos porque eles e nós estamos enredados na gramática de nossas linguagens.

Aqui há uma proposição fundamental em Nietzsche: ‘Uma ‘coisa’ é a soma de seus efeitos’. Uma coisa é portanto um feixe de efeitos unidos num conceito e imagem e, portanto, para toda perspectiva todos os eventos e fenômenos deste mundo estão numa imensa rede finita de efeitos uns sobre os outros, de tal modo que não posso me isolar e nem isolar algo completamente do mundo. A ciência, segundo ele, esvaziou totalmente o conceito de causalidade em fórmulas, e não importa para ela em qual dos lados fica a causa e em qual outro o efeito. Segundo o filósofo, a calculabilidade de um evento reside na ‘recorrência de casos idênticos’; quando eventos são suficientemente semelhantes entre si, eles se tornam calculáveis para nós.

Ao contrário do pensamento de Kant sobre causalidade, nós nos surpreendemos, sentimo-nos acuados e inseguros e, portanto, buscamos algo de familiar para nos sentirmos seguros. Buscamos algo de familiar no novo daquilo que para nós foi experienciado ou com aquilo que é velho. A busca por causas como formas de explicação é, na verdade, o instinto do medo buscando algo de familiar no desconhecido, portanto, não buscamos por causas, mas por familiaridade; ao menos assim, segundo o filósofo, começam as concepções de causalidade.

9. THING-IN-ITSELF AND APPEARANCE

AFORISMO 557 (1885-1886) E AFORISMO 558 (Março-Junho de 1888)

“The properties of a thing are effects on other “things”: if one removes other “things,” then a thing has no properties, i.e., there is no thing without other things, i.e., there is no “thing-in-itself.””³⁴

“The “thing-in-itself” nonsensical. If I remove all the relationships, all the “properties,” all the “activities” of a thing, the thing does not remain over; because thingness has only been invented by us owing to the requirements of logic, thus with the aim of defining, communication (to bind together the multiplicity of relationships, properties, activities).”³⁵

Apesar de Nietzsche negar na secção anterior os conceitos de causa e efeito, aqui ele abre uma concessão ao que seriam, de um modo geral e abstrato, coisas e suas relações com efeitos. Para ele todas as ‘propriedades’ de uma coisa, ou aquilo que predicamos de um sujeito, são na realidade efeitos sobre outras coisas.

Que esta maçã é doce ao ser provada, que ela tem tons de vermelho, é arredondada, é lisa e que tem aproximadamente uma massa de cento e cinquenta e três gramas só é possível porque ela exerce efeitos de si em outros fenômenos. Ela exerce algum nível de doçura na língua de quem a prova. Ao invés de dizer que os tons de vermelho são uma qualidade secundária dela (como John Locke diria), esses tons vermelhos são efeitos presentes que emanam ou irradiam-se da maçã e estimulam a retina

34 NIETZSCHE, FRIEDRICH. *THE WILL TO POWER*. VINTAGE BOOKS, NEW YORK, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, September, 1968, pg. 302.

35 Ibidem.

de um observador. Ela é tocada e observada como redonda, ela desliza pelos dedos de algum primata, com pouco atrito, e exerce força numa máquina de pesar com sua massa. Todos estes perceptos avaliados como propriedades da maçã só são possíveis porque são efeitos presentes da maçã em outras coisas ou perspectivas. Agora, se retirarmos a doçura da maçã, se retirarmos sua cor, sua forma, sua textura e peso não sobra absolutamente nada da maçã, ou seja, não há um nódulo ou um caroço metafísico por trás dos efeitos que um fenômeno ou evento exerce em outro fenômeno ou evento. Assim sendo, todo fenômeno ou evento está em perpétuo estado relacional com múltiplos outros eventos ou fenômenos; eventos e fenômenos são intrinsecamente dependentes de suas relações em exercer e sofrer efeitos. Não há uma ‘coisa-em-si’ que é a causa do aparecer ou o modo do aparecer de um fenômeno ou evento. A ‘coisidade’, novamente, foi inventada por nós por cobrança da lógica, para fins de comunicação, calculabilidade e inteligibilidade, unindo em conceitos múltiplas relações, propriedades e actividades.

CONCLUSÃO GERAL DA ANÁLISE DOS AFORISMOS

Na secção passada foram analisados aforismos das obras CE, HH, GC, ABM, CI e VP. Vimos que Nietzsche vê cada ser humano como um ser único e individuado e que suas próprias consciências cobram-nos a serem únicos e serem eles mesmos; que cada vida tem um caminho único a ser trilhado. O filósofo pensa que a natureza conceptual da linguagem comete erros atrás de erros em supor que eventos e fenômenos são contáveis, pois se cada evento é um discernível, então contá-los como as

mesmas coisas em uma quantidade é um cálculo arbitrário e errôneo, pois todos eles diferem entre si. Assim sendo, mesmo antes destas duas primeiras obras, Nietzsche já tinha uma concepção positiva acerca do Princípio dos Indiscerníveis de Leibniz, ou seja, que cada evento na natureza é um discernível. O filósofo tinha uma concepção do estado fenomenal dos eventos no mundo como um contínuo fluxo e que nós estaríamos continuamente a perceber uma torrente caótica de sensações.

A origem da lógica ou pelo menos a base da lógica é a ilogicidade, a falta de sentido. Seres que viveram antes de nós provavelmente tiveram modos de raciocínio muito diferente dos nossos, provavelmente não subsumiam diferentes fontes de alimento e diferentes predadores como as mesmas fontes de nutrição ou as mesmas ameaças e, portanto, tiveram menor chance de sobrevivência do que os organismos que assim o faziam. Portanto, as bases fundantes da lógica clássica, segundo Nietzsche, os casos idênticos e as categorias de substâncias que são fundamentais a ela, surgem em nossas consciências, ou melhor, surgem na consciência de nossos antepassados por uma razão utilitária e não por uma causa racional, conceptual ou epistemológica. As nossas explicações causais, ou seja, nossas concepções de causa e efeito baseiam-se sempre em uma série de arbitrariedades abstratas, como linhas, planos, corpos, átomos, tempos divisíveis, espaços divisíveis, ou seja, reduzimos os eventos da realidade a imagens nossas, a constructos abstratos inexistentes que não são os eventos como eles são no mundo. Nietzsche arrisca dizer que se uma consciência visse tudo em estado de fluxo, a condicionalidade do que antecede e o que sucede, ou seja, a idéia de causa e efeito não faria sentido algum, assim sendo, tudo seria um *continuum*, cada movimento e cada acção estariam ligados uns aos outros. Segundo o filósofo, assim como todos os eventos no mundo são discerníveis, igualmente o são cada acção, incluindo as acções humanas; portanto, julgamentos morais, entre outros julgamentos acerca de acções são todos preconceituosos, pois reduzem uma miríade de acções em um tipo de acto.

Nietzsche parece fazer apenas uma concessão no que poderia ser uma concepção de causa: ele especula que seria possível considerar a vontade de poder como a origem e a fonte de todas as causas, como uma causa primeira, mas isto se nos prendêssemos a qualquer concepção de causa que, segundo ele, várias e várias vezes nos avisa ser um preconceito. Esta especulação explicaria não somente a vida instintiva e orgânica de todos os organismos, mas seria ousadamente estendida a todos os eventos inorgânicos também.

Pode-se concluir em Nietzsche, portanto, que este é um mundo de eventos e actos discerníveis que estão em contínua mudança e que todas as coisas dependem umas das outras, pois ele define o próprio conceito de coisa como ‘um feixe de efeitos sobre outras coisas’. Logo, não haveriam eventos, fenômenos ou actos isolados, mas um *continuum* de discerníveis continuamente a mudar. Segundo ele, este é um mundo de eventos transitórios e a própria idéia de substância é a apenas um elemento necessário na lógica que ele conhecia e na comunicação de linguagens naturais, embora, certamente, esta idéia não tenha nenhuma correspondência com qualquer evento deste mundo. Assim sendo, eu acredito ter realizado uma análise suficientemente satisfatória de Nietzsche, se ele de facto sustenta que este seja um mundo de eventos transitórios ou em fluxo e um mundo de actos sem causa ou sem agência.

4. ANÁLISE DOS PRINCÍPIOS DA IDENTIDADE, DOS TIPOS DE IDENTIDADE, DA IDENTIDADE DOS INDISCERNÍVEIS E DA INDISCERNIBILIDADE DOS IDÊNTICOS NO CONTEXTO NIETZSCHEANO E CONTEMPORÂNEO.

4.1. OS VÁRIOS SENTIDOS DE IDENTIDADE.

Na lógica clássica diz-se ser uma verdade trivial e princípio que ‘todas as coisas são idênticas a si mesmas’, ou seja, que ‘ $A = A$ ’. Problematizando a questão, no entanto, parecem haver vários tipos de identidade que pelo menos organizar-se-iam em dois grandes tipos de identidade, a saber, a ‘identidade de igualdade’ e ‘identidade de duração’ ou ‘identidade diacrônica’³⁶. Como podemos inferir dos aforismos explicados e seleccionados acima, Nietzsche parece negar ambos estes dois tipos de identidade, mas em que consistiriam esses dois tipos de identidade?

Parece haver uma diferença entre identidade de igualdade e identidade diacrônica. Ora, se estou jogando xadrez com alguém e há um terceiro amigo que estava a observar o nosso jogo e ele sai para tomar um café e depois volta para ver o resultado e vê que estamos jogando xadrez, ele poderia perguntar-nos se este era o mesmo jogo que estávamos jogando. No entanto, ele teria que especificar se este era o mesmo jogo perdurando desde o início da partida e que ele observara antes de ir tomar café - ou seja, neste caso seria ‘identidade diacrônica’ -, ou se havíamos anotado todos os movimentos das peças do jogo e estávamos a reproduzir o ‘mesmo’ jogo que havíamos jogado - ou seja, neste caso seria ‘identidade de igualdade’ -. A ambos estes casos Nietzsche os chama de ‘casos idênticos’; casos idênticos são instâncias do mesmo conceito, ou símbolos do mesmo conceito. Como podemos perceber, a ‘identidade diacrônica’ é o tipo de identidade que perdura ao longo do tempo, ou seja, sua forma lógica é ‘ x no tempo t_1 é o mesmo que y no tempo t_2 ’, tal como neste exemplo: A ponte Hercílio Luz que foi inaugurada no dia treze de maio de mil novecentos e vinte e seis é a mesma ponte Hercílio

36 STEINHART, ERIC. *Nietzsche On Identity*. This article has been published as (2005) *Nietzsche on identity*. *Revista di Estetica* 28 (1), 241-256.

Luz do dia primeiro de Setembro de dois mil e dezessete. Há uma variação desta fórmula: ‘x no tempo t_1 é o mesmo T que y no tempo t_2 ’, como por exemplo, ‘este garoto nesta foto de nove anos atrás é o mesmo amigo meu dos dias de hoje’. O termo ‘T’ é um ‘tipo de classe’ ou ‘coisa’ ou termo classificatório, ou seja, limita o tipo de coisas que são ‘T’, assim sendo, x em t_1 é um T, y em t_2 é um T, x no tempo t_1 é um e o mesmo que y no tempo t_2 .

Já o que concerne à ‘identidade de igualdade’ não é o tempo, mas a simultaneidade ou atemporalidade de suas identidades e identificações. Segundo Eric Steinhardt, identidade de igualdade equivale à indiscernibilidade e há três formas de ‘identidade por igualdade’, a saber, (1) ‘x é um e o mesmo que y’, (2) ‘x é um e o mesmo T que y’, (3) ‘x é o mesmo T que y’. A lógica clássica ou tradicional pressupõe que tudo é um e o mesmo consigo mesmo, assim sendo, ‘Nazareno Eduardo de Almeida é um e o mesmo que Nazareno Eduardo de Almeida’. A segunda forma é numérica idêntica em relação ao termo classificatório T, logo, ‘Nazareno é um e o mesmo homem que Cristo’, ‘a estrela vespertina é uma e a mesma estrela que a estrela matutina’, assim sendo, Cristo não é um e mesmo homem que a estrela vespertina. A terceira forma é identidade tipo: Se eu tenho duas cópias exactas da *Metafísica* de Aristóteles, então eu tenho duas instâncias do mesmo livro, ou livros iguais, embora não tenha um e o mesmo livro. Portanto, isto diferencia ‘tipos’ de ‘símbolos’. A palavra ‘símile’ é o mesmo tipo e têm o mesmo sentido que a palavra ‘símile’, mas estas duas palavras não são os ‘mesmos’ símbolos ou sinais. Esta é a diferença entre a segunda a a terceira fórmula; a terceira trata-se de uma diferença simbólica e não uma diferença lógica.

Podemos pensar agora que a fórmula e princípio ‘ $A = A$ ’, ou seja, ‘que tudo aquilo que é, é’, ou ‘que tudo é idêntico a si mesmo’, ou ainda, ‘que tudo o que existe é igual a si mesmo’, assemelha-se mais com as três fórmulas da ‘identidade de igualdade’. Já a ‘identidade diacrônica’ não é explanável no cálculo de predicados de primeira e segunda ordem da lógica clássica, porque inclui em sua

concepção o tempo: ‘que Smith correu e morreu’ para a lógica clássica é mesmo que dizer ‘que Smith morreu e correu’; o tempo, como Nietzsche assevera não é nem sequer um problema para a lógica clássica ou nem sequer é considerado.

Ao termos considerado esses tipos de identidade que são comumente os tipos e sentidos de identidade considerados pelos filósofos, é necessário, no entanto, problematizar as concepções de identidade: é possível que exista tal coisa como ‘identidade de igualdade’ ou ‘identidade diacrônica’, ou mesmo ‘identidade sincrônica’ se todos os eventos e fenômenos no mundo estão em fluxo (AS, 11; GC, 111, 112; VP, 515, 516, 520, 715)? Teríamos que buscar nas epistemes das físicas, química, biologia - no mínimo - e psicologia se os homens e todos os outros eventos deste mundo são impermanentes; comecemos com as físicas. Das várias teorias em vigor nas físicas, das várias teorias na astrofísica relativística às teorias na física quântica, ou áreas de pesquisa que fundem as duas como teorias quântico relativísticas, parece certo que nenhum evento permanece o mesmo, tudo parece ser impermanente. Das várias teorias acerca da origem do mundo, das galáxias, dos quasares, sistemas solares e estrelas, planetas e outros fenômenos e eventos, cada corpo celeste está continuamente ou perdendo ou ganhando massa e, portanto, variando seu campo gravitacional. O mundo desde seu início no *Big-Bang* ou talvez neste ciclo cósmico está evoluindo incessantemente, alterando sua forma e composição continuamente. Segundo os físicos, todos os pontos do universo observável sofrem influências e transformações e bombardeamentos eletromagnéticos, de tal modo que ao longo do tempo a carga, os campos eletromagnéticos e quantidade de elétrons de diferentes sistemas varia. Os “átomos” não são tratados ontologicamente como “matéria” ou “substâncias” permanentes, imutáveis e duradouras, eles sofrem os processos que os físicos chamam de meia-vida - um tipo de fenômeno descoberto por Ernest Rutherford em 1907, no qual uma quantidade de massa de algum elemento, depois de um período médio de tempo, perde metade de sua massa - no qual os núcleos atômicos dos

átomos decaem após emitirem, por exemplo, partículas beta e transmutam-se em outros “tipos” de “átomos”³⁷. Um “átomo” de carbono C_{14} neste processo pode transformar-se num “átomo” de nitrogênio N_{14} ³⁸; certos tipos de “átomos” são mais estáveis que outros e transformam-se lentamente ou são mais radioativos e podem ter um tempo de meia-vida mais acelerado. Além disso, átomos estão constantemente trocando onda-partículas uns com os outros - interagindo com partículas atômicas e subatômicas - e sofrendo alterações entrópicas de temperatura, e diferenças em massa e carga, trocando elétrons e assim por diante. No contexto nietzschiano não há tal coisa como “átomos” a não ser como modelos dinâmicos matemáticos fictícios; não há tal coisa para ele como espaço indivisível, ou tempo divisível (GC, 112). Há também a objecção clara de que por nós estarmos continuamente mensurando os elementos e ordenando-os segundo medidas semelhantes - que certamente não são idênticas -, talvez não existam cento e dezoito tipo de “átomos” e seus isótopos, mas um número imenso de tipos diferentes de elementos, talvez tão imenso quanto toda a quantidade de corpos que existem no mundo. Talvez certos elementos assemelhem-se entre si em termos de quais propriedades lhes atribuímos ao mensurá-los e exactamente por isso pensamos que existe um número conhecido e limitado de tipos de elementos na natureza. Enfim, neste contexto, a idéia de “substância”, no sentido de Demócrito, não faz nenhum sentido, ou seja, se formos classificar “átomos”, falemos que eles são elementos não duráveis, transitórios ou impermanentes no contexto nietzschiano e contemporâneo. Em outras palavras, os elementos físicos da natureza estão em estado de fluxo, e em algum aspecto estão sempre a sofrer algum tipo de movimento e são, portanto, não duráveis. Posso também comentar que em termos geológicos a Terra e seus continentes estão continuamente transformando-se, sofrem erosões, abalos sísmicos e mudanças de topologia. A atmosfera e suas várias “camadas” possuem fluxos de eventos turbulentos, com eventos um tanto imprevisíveis e certamente imprevisíveis - deve-

37 AYTO, JOHN. “*20th Century Words*”, CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS (1989).

38 “*What is carbon dating?*”. National Ocean Sciences Accelerator Mass Spectrometry Facility. Archived from the original on July 5, 2007. Retrieved 2007-06-11.

se sempre ter em pensamento que não podemos prever eventos, mas podemos predizê-los com alguma ou boa precisão segundo modelos científicos -. Todos os eventos e fenômenos da natureza que possuem um histórico não são os mesmos desde que passaram a ser estudados e mensurados. Talvez uma objecção deva ser levantada contra Heráclito quando este diz que o sol é novo a cada dia, pois na realidade ele é novo a cada instante. Assim como a Terra e tudo o que existe nela está a alterar-se ao longo do tempo, assim ocorre com todos os outros fenômenos celestes.

Em termos de química todos os processos físicos da química demonstram que em estados de entropia baixos ou médios, ou seja, como nos planetas de nosso sistema solar, sempre estão ocorrendo reacções químicas. Os ditos “átomos” sempre estão a recombinar-se quimicamente. Mesmo em reacções de equilíbrio bioquímico, elementos continuam a trocar-se e recombinar-se, voltando a serem reagentes e produtos de maneira constante - tendo a chance de voltarem a ser também produtos e reagentes - como foi primeiramente estudado por Claude Louis Berthollet em 1803 em seu ensaio chamado *Essai de statique chimique*³⁹. Enfim, em estados entrópicos propícios às reacções químicas, reacções sempre estão ocorrendo, mesmo que visualmente não pareçam ser detectáveis, ou seja, sempre há movimento químico ocorrendo em muitos pontos do universo e na biosfera há uma quantidade imensa destes eventos químicos ocorrendo.

Quanto à biologia, deve-se notar que todos os organismos, enquanto vivos, estão em processos de assimilação de novos corpos e elementos orgânicos e inorgânicos, trocando boa parte de suas composições “materiais” por novos elementos, metabolizando-os, excretando-os, crescendo ou decrescendo em tamanho e massa, tornando-se mais vigorosos, resilientes ou degenerando até, talvez, o perecimento. Muitos indivíduos dizem que a confirmação da idéia de ‘identidade’ pode ser encontrada nos fenômenos de RNA - no caso de organismos como vírus - e DNA - como em animais e

39 Berthollet, Claude Louis. *Essai de statique chimique*. Paris: Firmin Didot Frères, 1803.

plantas -. Acontece que para nós e para muitos outros organismos que conhecemos, enquanto um organismo continua a exercer suas funções orgânicas e suas células continuam a reproduzir-se, os telômeros (que são estruturas proteicas e de DNA no núcleo de células eucarióticas) reduzem-se em tamanho a cada reprodução celular, fazendo com que parte do antigo material genético se perca. Em consequência disto, os organismos vão degenerando até um ponto chamado de Limite de Hayflick⁴⁰, onde as células param de reproduzir-se e morrem, ou seja, células eucarióticas estão constantemente mudando o seu material genético e nucleico. Ademais, todos os organismos estão em processo de mutação enquanto em processo de oxidação de seus materiais genéticos, enquanto metabolizam materiais ou enquanto fazem respiração celular, ou enquanto reproduzem-se, ou qualquer outro processo químico que inevitavelmente altera a composição de seus materiais genéticos. Assim sendo, parece impossível que um organismo continue sendo considerado idêntico baseando-se em uma evidência empírica não constante, ou que se altera ao longo do tempo. Podemos concluir, de um modo geral que não há nada de materialmente constante em organismos, organismos estão continuamente mudando, crescendo desenvolvendo-se, perecendo e evoluindo.

Quanto à psicologia, principalmente no que concerne aos seres humanos, algumas características pessoais ‘parecem’ permanecer constantes depois do início da infância. No entanto, tudo o que concerne à subjectividade é sempre um pouco incerto; não obstante, características como suas orientações sexuais parecem não se alterar, embora existam muitos casos excessivos de variação “anômala”. Muitos comportamentos, hábitos e crenças, no entanto, que nos são úteis para a conservação da vida ou a engrandecimento dela, ou apenas conhecimento erudito, em geral, mudam muitas vezes: há capitalistas que viram comunistas, comunistas que viram a casaca e tornam-se capitalistas. Certas pessoas passam a apreciar música erudita depois de escutarem certas obras com

40 Hayflick L, Moorhead PS (1961). “*The serial cultivation of human diploid cell strains*”. *Exp Cell Res.* 25 (3): 585–621.

mais atenção e terem mais conhecimento, mesmo depois de dizerem que odiavam música clássica. Enfim, muitos homens possuem muitas idéias inconstantes, incoerentes e às vezes até contraditórias que se alteram ao longo de suas vidas, embora certos indivíduos sejam mais conservadores e outros mais liberais. A alma dos homens parece-me como que um rio muito profundo e de incomensurável profundidade, sempre fluindo com um curso futuro de transformações incertas.

Assim sendo, parece-me que as ciências naturais confirmam que nada permanece o mesmo. Os aforismos de Heráclito parecem pertinentes aqui, tais como o aforismo de D. 12, M. 40^a, L ou o aforismo D. 91, M. 40c³, LI no livro de Charles Khan⁴¹ em que todos os eventos e fenômenos da realidade estão sempre mudando e transformando-se como rios, ou que nenhuma substância permanece a mesma, em suma, que não há substâncias. No entanto, o que aconteceria com o ‘princípio da não-contradição’ se o ‘princípio da identidade’ não fosse uma correcta interpretação dos eventos na realidade? Tal como ‘Christian Wolff’ em *Ontologia* (1729) diz que seria impossível que a mesma coisa fosse e não fosse ao mesmo tempo, é necessário que o ‘A’ da lógica clássica seja ele mesmo, enquanto durar, para que isto seja válido, pois se ‘A’ não é o mesmo, ele é e não é ao mesmo tempo, o que viola o princípio da não-contradição⁴². Wolff denominava o ‘Princípio da Identidade’ de “Princípio da Certeza”. Se tudo está em contínua transitoriedade, então, de facto, não existem A’s autoidênticos. Segundo Nietzsche, no entanto, se fosse verdade, como ele especula no aforismo VP 516, que neste mundo não há ‘A’s autoidênticos, então, o princípio da não-contradição também não seria válido, pois poder-se-ia afirmar e negar diferentes atributos de algo que não seria a mesma coisa. Para ele este é um mundo de transitoriedade, do devir, portanto, nada permanece o mesmo, tudo muda. Assim sendo, o mundo de casos idênticos, no qual diferentes eventos ou fenômenos ocorrem sob o mesmo sentido de um conceito, é uma ficção. Segundo Nietzsche, o princípio de identidade é só um modo de interpretar-

41 KHAN, C.; “A Arte e o Pensamento de Heráclito”; São Paulo; Ed. Paulus; 2009; p.79.

42 ABBAGNANO, Nicola. **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA**, EDIÇÃO MARTINS FONTES, 2007, pg. 613.

se os eventos no mundo, um modo de interpretação de uma perspectiva que quer calcular e determinar os eventos como coisas inteligíveis e comunicáveis. Tal como ele assevera em VP 520 e 521 que o ‘princípio da identidade’ tem por trás de si apenas um aparente facto de que existem coisas idênticas. Somos nós quem criamos a ‘coisa’, a ‘coisa idêntica’, os conceitos de substância, sujeito, objecto, atributo, actividade, forma, lei para que o mundo se tornasse calculável e útil para nós; para que se tornasse um mundo lógico depois de uma falsificação de todos os eventos (VP 512).

4.2. NIETZSCHE E A IDENTIDADE DOS INDISCERNÍVEIS

Nietzsche não parece definir “igualdade” quando, por exemplo, afirma que a tendência dos seres de tratarem como igual o que é apenas similar é uma tendência ilógica, porque nada realmente é igual (GC 111). No entanto, desde o ensaio de SVM, ele exemplifica casos como ‘nenhuma folha jamais é a mesma folha que outra’⁴³, e esta é uma proposição tipicamente usada por Leibniz para exemplificar seu princípio da ‘Identidade dos Indiscerníveis’. “Se entre dois objetos reais subsiste uma diferença espacial ou temporal, deve haver uma razão ou motivo *intrínseco* a cada um dos dois objetos que determina sua diferença”⁴⁴, este princípio em Leibniz, portanto, é vinculado ao ‘Princípio da Razão Suficiente’. Nietzsche, no entanto, apenas assevera como no aforismo da ‘GC 111’ que igualar eventos e fenômenos semelhantes como iguais é ilógico, portanto, ele considera apenas o Princípio da Identidade dos Indiscerníveis (a partir daqui visto como I.I.). Assim sendo, igualdade para Nietzsche parece se dar em termos leibnizianos.

43 NIETZSCHE, FRIEDRICH - *THE BIRTH OF TRAGEDY AND OTHER WRITINGS*, CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1999, pg. 145.

44 ABBAGNANO, Nicola. *DICIONÁRIO DE FILOSOFIA EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA*, EDIÇÃO MARTINS FONTES, 2007, pg. 614.

Aqui está uma formulação deste princípio: $(\forall p)(\forall x)(\forall y)((p(x) \Leftrightarrow p(y)) \Rightarrow (x=y))$ ⁴⁵. Segundo o meu orientador, Nazareno Eduardo de Almeida, podemos interpretar do seguinte modo esta fórmula: 'Para toda propriedade p, para todo x e para todo y, se (px se e somente se py) então x é igual a y.'. Em linguagem natural isto significa 'se há coisas indiscerníveis que possuem as mesmas propriedades entre si, então elas são idênticas entre si', ou em outras palavras, são a mesma coisa. Então a afirmação nietzschiana de que nada é igual a nada resume-se em dizer 'que não há tal coisa como uma coisa numericamente distinta, mas indiscernível'; se x não é um e o mesmo que y, então x não é igual a y. Nietzsche, portanto, quando evoca o exemplo das folhas quer dizer que se x é uma folha, y é uma folha, e se x não é um e o mesmo que y, então as duas folhas não se igualam. Isto vale para seres humanos também: se x é humano e y é humano, mas se x não é um e o mesmo que y, x é diferente de y. Cada ser humano para Nietzsche é único e tem a potência de ter opiniões únicas acerca de qualquer assunto, tal como expresso em CE no início do artigo de "Schopenhauer como Educador" e em HH aforismo 286. O mesmo vale para as acções humanas (GC 335):

"that there neither are nor can be actions that are the same: that every action that has ever been done was done in an altogether unique and irretrievable way, and that this will be equally true of every future action;"

Assim como já citado na análise deste aforismo acima, cada acção humana é única e irrevogável e, portanto, cada acção humana é um discernível; assim como cada acção humana é infinitamente individual, tal como ele o expressa em GC 354. Logo, quando Nietzsche diz 'que nada é igual' ele quer dizer, provavelmente, que nada é realmente indiscernível. Não há para Nietzsche indiscerníveis no mundo como 'vontade de poder', ou seja, a I.I. é verdadeira no mundo como 'vontade de poder' tal como Leibniz a interpreta, ou seja, não existem coisas numericamente distintas mas indiscerníveis. No

45 STEINHART, Eric. *Nietzsche On Identity*. This article has been published as (2005) Nietzsche on identity. *Revista di Estetica* 28 (1), 241-256.

entanto, poderia ser outro caso. Max Black propôs um universo perfeitamente simétrico composto de apenas duas esferas idênticas, mas numericamente distintas⁴⁶; ou poderia ser, como especulado pelo professor e doutor Décio Krause, que elétrons - e outras partículas atômicas - comportam-se indiscernivelmente e são indiscerníveis⁴⁷. Segundo Décio as partículas subatômicas e atômicas estariam em estado de superposição (*entanglement*). No entanto, objecções como essa de Black é apenas uma especulação metafísica não observável e suporia um mundo sem entropia, sem histórico e origem para estes fenômenos, e no caso de Décio poder-se-ia argumentar que cada sistema de elétrons não estão situados em circunstâncias de mesma entropia - sempre haveria discrepâncias de mensuração - e, portanto, cada elétron teria alguma diferença - de massa por exemplo -, mesmo que indetectável entre si. Assim sendo, mesmo que não possamos saber quais são as diferenças entre as partículas atômicas, talvez todas elas minimamente difiram entre si e, por ignorância e limite perceptivo, nós generalizamos - erroneamente - que há categorias indiferenciadas de partículas. Como não temos acesso directo às partículas atômicas, esses são argumentos especulativos. O caso é que o argumento de Nietzsche parece ser virtualmente válido para tudo aquilo que é observável.

Em HH, Volume I aforismo 19 Nietzsche ataca a idéia de número, ou seja, que haveriam múltiplas instâncias distintas da mesma coisa, mas continua a defender que nada é idêntico com nada. Aqui ele não fala contra a idéia de duração ou identidade diacrônica, mas talvez queira dizer com isto ‘nada é idêntico com qualquer outra coisa...’ que ‘nada é um e o mesmo com qualquer outra coisa...’. Se for este o caso, então ele está afirmando uma verdade trivial, pois é óbvio que tudo o que não é um e o mesmo com outros eventos difere deles. Ao avaliarmos o que ele quer dizer em outros termos, ele talvez queira dizer ‘que nada é o mesmo tipo ou o mesmo conceito com qualquer outra coisa’.

46 BLACK, M.. “*The Identity of Indiscernibles*”, in J. Kim & E. Sosa, *Metaphysics: An Anthology* (Malden, MA: Blackwell, 1999), 66 - 71.

47 KRAUSE, DÉCIO. **TÓPICOS EM ONTOLOGIA ANALÍTICA**. 6, ONTOLOGIA E FÍSICA, 6.2, ESTRANHEZAS QUÂNTICAS.

Portanto, a sentença ‘O Brasil é uma baderna’ não é a mesma sentença que ‘O Brasil é uma baderna’ e é falso dizer que são a mesma, pois para todo conceito C não é possível que $C(x)$ e $C(y)$. Assim, se minha interpretação está correcta - e que esteja correcta a partir de Eric Steinhart -, Nietzsche parece negar qualquer instância de conceitos ou instâncias de tipos. Se eu digo que ‘isto é um cão’ e ‘aquilo é um cão’ então eu tenho duas coisas x e y que são instâncias do mesmo tipo cão (poder-se-ia dizer de espécie ou raça aqui dependendo da categoria). Portanto, a posição de Nietzsche parece ser muito mais radical do que sustentar que a ‘Identidade dos Indiscerníveis’ não é válida no mundo como vontade de poder, que para todo x e y, em nenhum respeito x e y igualam-se. Para ele, portanto, não existem universais, no máximo, universais são conceitos.

Toda teoria tradicional de lógica de sujeito-predicado consiste (segundo Eric) num conjunto de substâncias e um conjunto de atributos. Em lógica tradicional, a extensão de um predicado é o conjunto de substâncias dos quais o predicado é verdadeiro. Tal como a substância “humano” e o atributo ou predicado “é mamífero” na seguinte proposição: ‘todo ser humano é um mamífero’. Assim negar este tipo de identidade, ou seja, negar universais, ou conceitos, ou ‘identidade tipo’ é dizer que a extensão de todo predicado é um conjunto com apenas um membro, desde que todo predicado só é válido para apenas um sujeito. No entanto, se nós classificamos ou identificamos vários particulares através de um universal, nós estamos cometendo erro lógico (GC 354); isto parece ser válido também sobre atributos, ou seja, nenhum sujeito compartilha atributos com qualquer outro segundo ele. Assim, se a análise de Eric está certa, para Nietzsche predicados referem-se apenas a particulares; ou seja, não há predicado p tal que para qualquer x e qualquer y, se x não é um e o mesmo que y, $p(x)$ e $p(y)$. O máximo que pode ser pensado é que x e y possuem predicados semelhantes; assim sendo, nunca é o caso que x é azul e y é azul, tal como gralhas azuis, mas que x tem sua própria *azulidade* $azul_1(x)$ e y é $azul_2(y)$ e $azul_1$ assemelha-se a $azul_2$, tal que x assemelha-se a y. Propriedades são, portanto, todas

particulares; há um conjunto imenso de propriedades no mundo segundo Nietzsche, tal qual haveria para cada fenômeno e evento que pudéssemos perceber e que existisse; nada é idêntico (de mesmo tipo) com nada, certos eventos assemelham-se a outros. Segundo Eric, na metafísica contemporânea propriedades particulares e relações particulares são chamadas de tropos; portanto, para Eric, Nietzsche havia começado a desenvolver uma ontologia de tropos - ainda que estivesse atacando a metafísica tradicional em toda a sua base ontológica -. Além disso, se para Nietzsche toda unidade é “*unity only as organization and cooperation*” (VP 561), então, coisas unitárias são meros ‘feixes de tropos’ (VP 558), ou ainda, cada coisa unitária seria um ‘feixe de efeitos’.

4.3. NIETZSCHE E A INDISCERNIBILIDADE DOS IDÊNTICOS

A Indiscernibilidade dos Idênticos, por vezes chamada de Lei de Leibniz é expressa da seguinte forma em linguagem formal $(\forall p)(\forall x)(\forall y)((x=y) \Rightarrow (p(x) \Leftrightarrow p(y)))$. Ela pode ser interpretada do seguinte modo em linguagem natural: “se dois objectos x e y são idênticos, então têm as mesmas propriedades.”⁴⁸ Interpretada de maneira mais formal, segundo Eric, seria: ‘se x é um e o mesmo que y, então para toda propriedade p, p(x) se e somente se p(y).’

Se no mundo como vontade de poder o Princípio I.I. parece ser válido, ou seja, de que não existem coisas numericamente distintas indiscerníveis, o Princípio da Indiscernibilidade dos Idênticos não parece valer. No primeiro o que se afirma é que coisas indistintas na realidade são a mesma coisa e não duas e no segundo está a se afirmar uma suposta verdade de que dois objectos idênticos têm as mesmas propriedades. Ora, desde SVM Nietzsche nega a idéia de indiscernibilidade como vimos

48 ABBAGNANO, Nicola. INDISCERNIBILIDADE DOS IDÊNTICOS, **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA, EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA**, EDIÇÃO MARTINS FONTES, 2007, pg. 636.

várias vezes; ele nega com o exemplo das folhas, com o caso dos humanos em HH, com as opiniões humanas na mesma obra, em GC ele expande esta negação da indiscernibilidade para quaisquer acções, incluindo as humanas. Esta negação geral da indiscernibilidade é expandida por ele para todos os outros eventos deste mundo e, no entanto, como os eventos no mundo são transitórios e impermanentes (VP 520) - sendo o próprio número dos seres estando em fluxo - a lógica parece ter como condição superficial ou aparente que todas as coisas são auto-idênticas. Ao passo que ele assume que nada não somente não é auto-idêntico, mas nada é igual com absolutamente nada (GC 111).

Assim sendo, não há um único x (neste mundo) que é um e o mesmo que y, que seja idêntico com qualquer outro y e, portanto, não compartilha as mesmas propriedades com este y. Deve-se asseverar que inclusive nenhum evento deste mundo também parece compartilhar nenhuma propriedade com quaisquer outros eventos, assim haveria uma matiz de espectro extremamente grande e complexo de quantas cores e formas, entre outros atributos os eventos teriam. Cada evento seria, seguindo este preceito, predicado de uma maneira puramente única - de uma única maneira válida a si -, cada evento teria um diferente valor de verdade, pois cada evento teria diferentes matizes de aparências (ABM 34) e, portanto, necessitaríamos de lógicas multi-valentes para formalmente os descrever⁴⁹.

Como o mundo visto por Nietzsche, no entanto, é contraditório e paradoxal para a lógica como ele a concebia (AS 11, GC 112), por exemplo, a aristotélica - visto que sem A's auto-idênticos a lei da não-contradição não vale nele -, como poderíamos resolvê-lo, ou seja, como poderíamos pensar o mundo a partir da perspectiva dele? Sabemos que para Nietzsche o mundo como vontade de poder é um sistema relacional; às ciências naturais concernem apenas relações:

49 D. HALES, STEVEN. *Nietzsche on Logic. Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 56, No. 4. (Dec., 1996), pp. 819-835.

*All laws of nature are only relations between x, y, and z. We define laws of nature as relations to an x, y, and z -- each of which we are in turn acquainted with only in relation to other x, y, and z's.*⁵⁰

O universo, para ele, é uma imensa rede de coisas relacionadas umas com as outras, de efeitos sobre efeitos; suas propriedades são derivadas de suas relações (VP 557). O mundo como vontade de poder é um mundo de relações (VP 568) e é uma rede de pontos-de-força dinâmicos inter-relacionados (VP 567). Assim sendo, para pensarmos os conteúdos de verdade das proposições deste mundo, um sistema de proposições interdependentes (que também se auto-diferenciariam ao longo do tempo) teria que ser feito, que afirmariam os valores de verdade de cada evento ou ponto-de-força. Se os pontos-de-força se auto-diferenciam, então o mundo como vontade de poder é uma rede inter-relacionada de eventos que se auto-diferem⁵¹. Portanto, proposições no mundo como vontade de poder são logicamente paradoxais, porque não são auto-consistentes, não são auto-idênticas. Segundo Eric Steinhart trabalhos modernos sobre paradoxos são bons pontos de partida para dar-se coerência a um sistema ou “lógica” nietzschianos; o paradoxo do mentiroso tratado por Russel é um bom exemplo. Sistemas de proposições paradoxais teriam de ser formados. Tomemos como exemplo o sistema dual de Buridan da idade média, que o definiu de Dualista: “Sócrates diz: “Platão mente”. Platão diz: “Sócrates diz a verdade.”” Assim sendo, a proposição S que Sócrates profere refere-se a proposição P da qual Platão profere; S refere-se à P e P à S. Segundo Eric este seria um modelo a se seguir caso se aceite o projecto nietzschiano, pois definem os valores de verdade do sistema de proposições circularmente e de maneira fechada (Nietzsche define o mundo como vontade de poder como finitamente complexo, tal como em VP 595, 1062, 1066 e 1067). Para Nietzsche, portanto, parece ser

50 STEIHART, ERIC. *Nietzsche On Identity*. This article has been published as (2005) *Nietzsche on identity*. *Revista di Estetica* 28 (1), 241-256, pg. 10-11.

51 Ibidem.

válido dizer que definitivamente não vale o Princípio da Indiscernibilidade dos Idênticos no mundo como vontade de poder.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, este é um mundo de eventos e fenômenos transitórios, de agentes sem causa, de eventos não duráveis segundo Nietzsche? Vimos neste trabalho em SVM que Nietzsche parecer reter desde o início de sua vida produtiva até o final dela que todos os fenômenos deste mundo são discerníveis e que o Princípio da Identidade dos Indiscerníveis de Leibniz vale para todos os eventos no mundo como vontade de poder. Não existe, para Nietzsche, portanto, dois eventos distintos numericamente mas indiscerníveis. Mesmo em SVM as “leis” de “causa” e “efeito” das ciências naturais são vistas apenas como relações não necessárias entre os eventos, que mais tarde será visto nos aforismos da VP como efeitos de coisas sobre outras coisas numa rede imensa inter-relacionada entre si de eventos efectuando outros eventos. Essas coisas não passariam de feixes de efeitos sobre efeitos; não há, portanto, segundo Nietzsche, nada como uma coisa-em-si ou uma essência-em-si, pois nada pode subsistir sem suas propriedades, ou efeitos, ou isoladamente e imperceptivelmente. Vimos que suas reflexões sobre os homens no que concerne a suas opiniões e personalidades, ou seja, que eles são únicos, assim como suas acções e ele estende esta unicidade de consciência e vida para todos os eventos. Falei consideravelmente sobre as muitas passagens em que Nietzsche discorre sobre os “casos idênticos”, ou seja, sobre a violação ilógica, para ele, de se considerar duas coisas distintas como idênticas; esta é, segundo ele, a pressuposição da lógica clássica para que o mundo e seus eventos tornem-se calculáveis e úteis a nós. Característica esta que herdamos dos animais que viam os eventos em seus arredores, por

exemplo, predadores e alimento, como casos idênticos de experiências passadas e que estes animais teriam sobrevivido e tido maior vantagem sobre os animais que viam tudo “em fluxo”. Não conseguimos calcular e explicar nada do que ocorre no mundo sem o auxílio de planos, linhas, pontos, polígonos, átomos, entidades que nós abstraímos e reduzimos tudo a nossa volta, apesar de que estas entidades abstractas não existam *per se* segundo ele. Assim sendo, mesmo que seja verdade que os eventos e fenômenos no mundo sejam discerníveis, utilitariamente falando, é a visão tosca e rude de como vemos as coisas que impera, é o erro que impera; para que possamos calcular, predizer, contar, categorizar e pensar os eventos. A vida como vontade de poder cobra-nos, segundo Nietzsche, o erro; para formularmos as colmeias conceituais e comunicarmo-nos conscientemente e racionalmente com outros homens, necessitamos antes errar, precisamos inventar os casos idênticos: somos, por assim dizer, animais artísticos *par excellence*.

Nietzsche parece assumir suas afirmações sempre em forma de hipóteses, mas na VP ele permanece tendo opiniões acerca da linguagem, as ciências exactas e naturais, causação e a lógica muito semelhantes às que ele tinha na década de setenta do século dezenove. Para ele, a lógica não surge da vontade de verdade - uma das formas mais poderosas da vontade de poder -, pois para a formação das verdades lógicas são necessárias falsificações de todos os eventos possíveis em “casos idênticos”. A aritmética e a matemática em geral - a dita lógica aplicada - são um campo de entidades inexistentes para ele, absolutamente fictícias em que princípios como ‘ $A = A$ ’ são eternamente verdadeiras. A pressuposição da lógica tradicional de que todas as coisas são auto-idênticas, no entanto, é apenas um preconceito, pois todos os eventos estão em fluxo e tudo o que surge de novo no mundo sempre têm uma nova forma, de tal modo que hipostasiações como espécie, forma, lei, substância são apenas ficções úteis. Quanto a julgamentos sobre “causa” e “efeito” cometemos o duplo erro de separarmos o “efeito” da “causa” como se, por exemplo, o trovão ao trovejar não se tornasse o

som trovejante ou o fulgurante brilho nos céus. Se víssemos, não obstante, todos os eventos e suas ocorrências em estado de fluxo - como Nietzsche assume ser o caso da realidade -, não separaríamos o que antecede do que sucede, mas sim veríamos um *continuum* de inseparáveis eventos. Assim sendo, para Nietzsche este é um mundo de agentes sem causa, pois os agentes não são as causas, mas apenas a soma dos efeitos que realizam, eventos que, no entanto, são não duráveis, ou seja, acções não perduram e não são autoidênticas. No entanto, sem o conceito de ‘causa’, também não há razão para o conceito ‘efeito’: mas Nietzsche reconhece isso e lança a hipótese de que na melhor das hipóteses trabalhar sem a ilusão gramatical da idéia de causa é uma boa idéia, nós podemos utilizar o conceito de efeito como a definição de todas as coisas e suas relações com outras coisas; isto também é útil. Alguém poderia objectar, no entanto, contra a hipótese de um mundo que é um *continuum* e que seus eventos são individuados: ora, como todos os eventos poderiam participar de um *continuum* e serem individuados ao mesmo tempo? Autores como Eric Steinhart argumentariam que o mundo como vontade de poder é essencialmente contraditório, não obedecendo o princípio da não contradição. Cada evento possuiria uma medida intrínseca, seria único e individualizado, mas ao mesmo tempo e contraditoriamente não estariam separados uns dos outros, como num oceano de pontos de força conflituando e se relacionando interminavelmente⁵².

52 Na apresentação desta tese o professor Celso Reni Braidia perguntou-me um questionamento muitíssimo interessante, a saber (dê-la-ei com palavras semalhantes as quais o mesmo proferiu): “Se todos os eventos que existem são únicos e se todas as ditas “propriedades” ou actividades de uma “coisa” são únicas e individualizadas, em outras palavras, se não há propriedades e se não houver identidade possível neste mundo, então como pode haver unicidade? Em outras palavras, deve haver algum tipo de identidade para que um evento seja único ou individualizado, deve haver algo em cada evento que possa ser próprio dele, caso contrário ele não poderia ser único.” Poder-se-ia responder a esta questão com a idéia de que uma coisa ‘feixe de efeitos’. Se ‘um evento é a soma de únicos efeitos em conjunto e cooperação’ (como pontos-de-força em consonância), então é evidente que este evento é único, pois cada evento é composto de efeitos únicos, logo, não há nada que seja idêntico a este evento - como se fosse - naquele exacto instante de tempo. E, sim, se algo é composto de uma soma de efeitos únicos, então, a cada instante este algo deve ser, também, único. Mas como tudo está em movimento e tudo é transitório (id est, os efeitos), então a idéia de identidade não é nem sequer necessária para que exista unicidade; em outras palavras, no máximo a idéia de identidade (e o ‘Princípio de Identidade’ clássico) é, pelo menos para Nietzsche, uma grande ilusão necessária.

Assim sendo, Nietzsche parece negar que este seja um mundo de eventos duráveis, ou permanentes, que inclusive não são auto-idênticos nem sequer sincronicamente. Nega, portanto, o conceito de “substância”, “essência”, “coisa”, nega que exista qualquer causa ou agência no mundo, ou seja, que este é um mundo de feitos sem causa, nega a idéia de “sujeito”, “objecto”, “atributo” e qualquer hipostasiação ontológica como ‘ser’. Baseando-me em Nietzsche, portanto, penso ter respondido afirmativamente a questões como “este é ou não um mundo de eventos transitórios e desiguais?” ou “este é ou não um mundo de actos ou feitos sem causa?”. A natureza da linguagem parece ser, para o Nietzsche que interpreto, uma busca constante por novas metáforas conceituais, moldadas por artistas dionisíacos, que estão continuamente a interpretar a realidade com novas régua de cambiantes magnitudes, régua sempre imperfeitas. As categorias e os conceitos engendrados por nosso pensamento estão em eterno erro e guerra contra o mundo, os próprios criadores destes conceitos e categorias estão em eterna guerra entre si.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALES, D. STEVEN. *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 56, No. 4. (Dec., 1996), pp. 819-835.

ABBAGNANO, NICCOLA. **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA.**, EDIÇÃO REVISADA E AMPLIADA, EDIÇÃO MARTINS FONTES, 2007.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. ***THE BIRTH OF TRAGEDY AND OTHER WRITINGS***, EDITED BY REYMOND GEUSS AND RONALD SPEIRS, TRANSLATED BY RONALD SPEIRS, *CAMBRIDGE TEXTS IN THE HISTORY OF PHILOSOPHY*, 1999.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. ***UNTIMELY MEDITATIONS***. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1997. *Translated by R. J. Hollingdale.*

NIETZSCHE, FRIEDRICH. ***HUMAN, ALL TOO HUMAN***. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1996. *Translated by R. J. Hollingdale.*

NIETZSCHE, FRIEDRICH. ***THE GAY SCIENCE***. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK 1974. Translated by Walter Kaufmann.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. ***BEYOND GOOD AND EVIL***. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK, 1966. Translated by Walter Kaufmann.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. ***THE ANTI-CHRIST, ECCE HOMO, TWILIGHT OF THE IDOLS, AND OTHER WRITINGS***. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, FIRST PUBLISHED 2005, FOURTH PRINTING 2007. Translated by JUDITH NORMAN.

NIETZSCHE, FRIEDRICH. ***THE WILL TO POWER***. VINTAGE BOOKS, A DIVISION OF RANDOM HOUSE, NEW YORK, 1967. Translated by Walter Kaufmann and R. J. Hollingdale.

STEINHART, ERIC. ***Nietzsche On Identity***. This article has been published as (2005) *Nietzsche on identity*. *Revista di Estetica* 28 (1), 241-256.

AYTO, JOHN. ***“20th Century Words”*** (1989), CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS.

“What is carbon dating?”. National Ocean Sciences Accelerator Mass Spectrometry Facility. Archived from the original on July 5, 2007. Retrieved 2007-06-11.

BERTHOLLET, CLAUDE LOUIS. *Essai de statique chimique*. Paris: Firmin Didot Frères, 1803.

Hayflick L, Moorhead PS (1961). *“The serial cultivation of human diploid cell strains”*. *Exp Cell Res*. 25 (3): 585–621.

KHAN, C.; *“A Arte e o Pensamento de Heráclito”*; São Paulo; Ed. Paulus; 2009; p.79.

M. BLACK, *“The Identity of Indiscernibles”*, in J. Kim & E. Sosa, *Metaphysics: An Anthology* (Malden, MA: Blackwell, 1999), 66 - 71.

KRAUSE, DÉCIO. **TÓPICOS EM ONTOLOGIA ANALÍTICA**. JANEIRO DE 2011.